

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA**

DIANA DA SILVA SIMÃO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E O
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Imperatriz
2022

DIANA DA SILVA SIMÃO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E O
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Memorial de Formação apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão do Centro de Ciências de Imperatriz, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva Simão, Diana.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E O
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA / Diana da Silva Simão. -
2022.

100 p.

Orientador(a): Jónata Ferreira de Moura.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

1. Formação docente. 2. Memorial de formação. 3.
Residência Pedagógica. I. Ferreira de Moura, Jónata. II.
Título.

DIANA DA SILVA SIMÃO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E O
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Memorial de Formação apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão do Centro de Ciências de Imperatriz, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura (Orientador)
Doutor em Educação – Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

Prof. Dr. José Edimar de Sousa (Examinador)
Doutor em Educação – Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

Prof.^a Dr.^a Késsia Mileny de Paulo Moura (Examinadora)
Doutora em Educação – Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e o amor com que me conduziu nos caminhos da verdade, da fé e pela sua força divina nos momentos de angústias, a todos os santos e a Virgem Maria por estarem comigo sempre;

A minha mãe pelo seu amor e carinho e por está comigo em todos os momentos desta caminhada;

Aos meus irmãos pelo apoio que me deram durante toda minha vida e não seria diferente nessa trajetória;

Ao meu esposo pelos incentivos e companheirismo por estar ao meu lado sempre me apoiando, e aos meus filhos pelo amor e esforços em ajudar nesta caminhada;

Ao meu orientador professor Dr. Jónata Ferreira de Moura pelos ensinamentos, orientações, pela generosidade e incentivos na minha caminhada no Programa Residência Pedagógica e na construção desse trabalho;

Aos meus amigos de curso que compartilhei minhas angústias e alegrias Alexsandra, John, Vanessa, Camila e Laynna Barbosa;

Aos residentes do Programa Residência Pedagógica;

Aos amigos que fiz na UFMA não só da minha turma, mas por onde passei e acabaram contribuindo de alguma forma com a minha formação.

Aos professores da UFMA pelos ensinamentos que colaboraram com a minha trajetória e formação;

Aos professores preceptores Carlos Humberto e Lucileia Silva do Programa Residência Pedagógica- RP/2020, que me acolheu nas suas salas de aula com muita competência, generosidade, afeto e cuidado.

A Universidade Federal do Maranhão e a Coordenação de Pedagogia pela acolhida durante o período de estudos e formação.

A todos, muito OBRIGADA!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é um Memorial de Formação que tem como foco as memórias da trajetória escolar, acadêmica e no Programa Residência Pedagógica de uma estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências de Imperatriz. Os objetivos deste trabalho são: 1. Conhecer o dispositivo memorial de formação; 2. Refletir, em rememorações, trajetória escolar, acadêmica e no Programa Residência Pedagógica; e 3. Analisar as contribuições do Programa Residência Pedagógica na formação docente. Como referências teóricas foi utilizado os trabalhos realizados por Passeggi (2008, 2010, 2011), Prado e Soligo (2005) sobre memoriais; Larrosa (2002), que discute sobre experiência; e Thomson (1997) sobre narrar. Esta pesquisa se caracteriza de natureza qualitativa com abordagem autobiográfica, tendo a trajetória de vida e formação da estudante como dados para serem analisados. O memorial proporcionou rememorar e perceber a importância da formação pessoal para a formação profissional, identificar os pontos pertinentes da trajetória pessoal e acadêmica que proporcionaram (auto)conhecimento, novos saberes, olhares e perspectivas.

Palavras-chave: Memorial de formação. Formação docente. Residência Pedagógica.

ABSTRACT

This Course Completion Work is a Formation Memorial that focuses on the memories of the school, academic trajectory and in the Pedagogical Residency Program of a student of the Pedagogy course at the Federal University of Maranhão, at the Imperatriz Science Center. The objectives of this work are: 1. To know the formation memorial device; 2. Reflect, in recollections, my school and academic trajectory and also in the Pedagogical Residency Program; and 3. Analyze the contributions of the Pedagogical Residency Program in my teacher training. As theoretical references I use the work done by Passeggi (2008, 2010, 2011), Prado and Soligo (2005) on memorials; Larrosa (2002), who discusses experience; and Thomson (1997) on narrating. This research is characterized by a qualitative nature with an autobiographical approach, having the student's life trajectory and education as data to be analyzed. The memorial allowed me to remember and realize the importance of personal training for professional training, to identify the relevant points of personal and academic trajectory that provided (self) knowledge, new knowledge, perspectives and perspectives.

Keywords: Formation memorial. Teacher training. Pedagogical Residence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O DISPOSITIVO MEMORIAL DE FORMAÇÃO.....	10
2 REMEMORANDO A TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	15
2.1 Formação pessoal.....	15
2.2 Trajetória Escolar.....	16
2.3 Trajetória Acadêmica.....	20
2.4 Trajetória no Programa Residência Pedagógica.....	32
2.4.1 Conhecendo o Programa Residência Pedagógica	33
2.4.2 As Formações do RP-Pedagogia.....	36
2.4.3 Docência no Ensino Remoto Emergencial no RP-Pedagogia.....	40
2.4.4 Docência no Ensino Presencial pós-Pandemia no RP-Pedagogia.....	49
3 AS CONTRIBUIÇÕES DO RP-PEDAGOGIA NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.....	57
3.1 O Ensino Remoto Emergencial e as Habilidades Desenvolvidas.....	57
3.2 O Ensino Presencial no RP-Pedagogia e as Habilidades Desenvolvidas.....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICES.....	87
ANEXOS.....	92

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está escrito no formato de um Memorial de Formação, que aborda minhas¹ experiências no percurso de minha formação pessoal e profissional.

Escrever um memorial de formação é um trabalho de buscas pelas memórias sobre os significados das ações e acontecimentos; é também um ato de ressignificação dos momentos importantes, bons ou ruins, que de alguma forma contribuíram com a trajetória pessoal e acadêmica do sujeito em formação.

Sendo assim, o memorial proporciona ao sujeito percorrer sua história de forma reflexiva e crítica sobre o processo de formação. Desta forma, “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se.” (PASSEGGI, 2011, p. 147).

Este memorial justifica-se por ser um trabalho que percorre e evidencia as experiências do sujeito em formação de forma reflexiva e pautada em análises sobre aprendizagens, práticas, acontecimentos e da trajetória, levando em consideração o contexto histórico, político e sociocultural.

Passeggi (2011, p.148), enfatiza que:

A cada nova versão da história, a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica.

Com isso, entendo que somos histórias vivas nos reinventando através das nossas memórias ressignificadas para o presente, e a partir desse movimento projetar idealizações para o futuro. Neste sentido, o memorial de formação nos possibilita analisar fatos e acontecimentos de forma crítica e reflexiva frente à construção profissional e tomada de consciência do processo formativo.

O memorial de formação é um gênero que nos conduz ao processo da escrita autobiográfica, nos proporciona a compreensão e tomada de consciência do processo de formação ao narrar pontos relevantes da nossa história ressignificando essas experiências para si e para pesquisas educacionais.

¹ Por ser um memorial de formação a escrita, ora está na 1ª pessoa do singular, ora na 1ª pessoa do plural.

O interesse por esse estudo surgiu quando entrei no Programa Residência Pedagógica (RP) no final de 2020. Primeiro, por registrar os feitos e ações realizadas no RP durante a pandemia, pois foi uma situação atípica que estávamos vivenciando, mas importante para a área educacional. Outro momento que ajudou na decisão de discutir essa temática foi um minicurso realizado no RP sobre a escrita de memoriais que ajudou-me a entender o quanto é importante esse processo de escrita para formação, que vai para além de contar a nossa história de vida, pois através da ação de escrever nosso percurso formativo podemos, a partir de análises e reflexões, entender e ressignificar acontecimentos e fatos que foram importantes para o desenvolvimento da nossa formação pessoal e profissional.

Com isso, foi crescendo a vontade de, além dos trabalhos realizados, incentivados pelo professor Orientador do RP-Pedagogia falando sobre minha experiência na regência do programa, também refletir sobre minha trajetória de vida, escolar e acadêmica, destacando pontos importantes.

Em vista disso, propus abordar neste memorial de formação as problemáticas: a) O que é o dispositivo memorial de formação? b) Como ocorreu a minha trajetória escolar, acadêmica e no Programa Residência Pedagógica c) Quais as contribuições do Programa Residência Pedagógica na minha formação docente? Para me ajudar a encontrar respostas às questões acima, elenco os seguintes objetivos:

1. Conhecer o dispositivo memorial de formação.
2. Refletir, rememorando, minha trajetória escolar, acadêmica e também no Programa Residência Pedagógica.
3. Analisar as contribuições do Programa Residência Pedagógica na minha formação docente.

Esta pesquisa se caracteriza como sendo de natureza qualitativa e de abordagem autobiográfica, pois “[...] a (auto)biografia é uma abordagem que possibilita aprofundar a compreensão dos processos de formação” (FRISON; SIMÃO, 2011, p.198), atribuindo relevância às experiências do autor ao problematizar e promover (res)significados aos fatos e acontecimentos do seu percurso.

Este memorial está organizado em três capítulos e seção de considerações finais. No primeiro capítulo, discuto o dispositivo memorial de formação; no segundo capítulo, narro e reflito sobre minha trajetória escolar, acadêmica e minha

participação no RP-Pedagogia; no terceiro capítulo, faço uma análise sobre as contribuições do RP-Pedagogia para minha formação docente; por fim, trago as considerações finais, momento em que faço um balanço do meu processo, das minhas aprendizagens, dificuldades e contribuições que se realizaram durante minha formação acadêmica.

1 O DISPOSITIVO MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Neste capítulo trato sobre o que é o memorial de formação, o seu percurso nas universidades no Brasil, distinções e sua importância para o sujeito em formação.

O percurso da escrita do memorial caminha junto à trajetória das universidades brasileira que se inicia nos meados de 1930, data dos primeiros memoriais como dispositivo de avaliação para o cargo de professor catedrático para a Universidade de São Paulo (PASSEGGI, 2008).

Com as reformas universitárias os memoriais passaram a ser usados para ingresso de professores titulares e de livre docência, e a partir de 1980 o memorial foi usado em concursos para cargos de professor doutor, professor adjunto e cursos de Pós-graduação. Em 1990, as escritas de si, assumem uma nova dimensão agora nos trabalhos de conclusão de curso como dispositivo de reflexão na formação iniciada e continuada de professores. Em 2000, se intensifica como objeto de pesquisa (PASSEGGI, 2008).

Assim, a escrita do memorial acompanha a trajetória e desenvolvimento das universidades brasileiras ao longo dos anos, primeiramente, como vimos, como dispositivo de avaliação para ingresso de professores nas academias e depois com cursos, e com o passar do tempo como dispositivo de reflexão e objeto de pesquisa.

Diante disso, Passeggi (2008) faz distinção de dois tipos de memoriais: o *memorial acadêmico* das narrativas de vidas de profissionais para fins de concurso público e outras funções como ingresso em pós-graduação; e o *memorial de formação* para as escritas durante o processo de formação inicial ou continuada, e admitido como TCC no ensino superior, ambos oferecem potencialidades para o processo de reflexão dos sujeitos sobre seus percursos de vida e formação.

Segundo Severino (2007, p. 245), o memorial acadêmico se constitui a partir:

[...] da autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido.

O memorial de formação é um trabalho autobiográfico que traz a historicidade do autor, sendo necessária a realização de pesquisas para investigação da história contada, reflexão para tomada de consciência, interpretação das representações como crenças e visões de mundo, e síntese sobre os assuntos formativos do autor/narrador (NASCIMENTO, 2013).

O memorial de formação é o espaço em que narrarmos nossa trajetória no intuito de não a deixar cair no esquecimento, contar experiências que somente nós vivenciamos ressaltando, dentro das nossas perspectivas, fatos e acontecimentos que foram importantes para o crescimento e formação pessoal e profissional.

Para contextualizar os recortes e relatar suas experiências o autor precisa ficar atento a que tipo de texto se refere à escrita do memorial de formação. Segundo Prado e Soligo, (2005, p. 7), o memorial de formação é um gênero textual que:

[...] combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e ideias, a que geralmente chamamos de 'textos teóricos'). Se tomarmos em conta a definição mais clássica dos tipos de discurso – narrativo, descritivo e argumentativo -, poderíamos dizer então que o memorial de formação é um gênero que comporta todos eles, embora evidentemente predomine o discurso narrativo.

Com efeito, o texto do memorial de formação é um gênero predominantemente narrativo, mas que se relaciona com outros discursos para esclarecer, descrevendo e argumentando o percurso feito pelo sujeito da formação.

Em vista disso, a escrita do memorial de formação consiste numa narrativa em que o autor é o personagem principal da história e dos fatos narrados, analisando momentos e experiências que contribuíram com o percurso: “Num memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da sua história.” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 7).

Segundo Thomson (1997, p. 57), “Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”. Com isso, para narrar sobre nós mesmo é preciso uma busca histórica e a partir de análises e reflexões sobre esses acontecimentos, podendo entender como ocorreu o nosso processo formativo até o presente e projetarmos o futuro.

Desta forma, as lembranças são analisadas pelo autor do memorial de formação até chegar a um entendimento dos acontecimentos, ressignificando as experiências vividas ao longo da sua trajetória formativa. Assim, o memorial de formação é uma forma de registrar um processo, percurso, travessia, uma lembrança refletida em que somos os protagonistas (PRADO; SOLIGO, 2005).

Nessa perspectiva, “A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu [...]” (SOUZA, 2007, p. 63). Com isso, se inicia uma busca que vai desde sua origem a determinado espaço e tempo, e que de alguma forma interferiram no percurso feito pelo sujeito, assim como também podem interferir na formação do sujeito, nas relações sociais, na cultura, no período histórico e político desse momento.

Na produção de um memorial de formação é importante identificar em que circunstâncias os acontecimentos e sujeitos se encontram. Nesse sentido, a experiência a ser narrada deve ser levada em consideração, pois são determinantes para o processo de reflexão e análise.

O memorial não é somente uma crítica que avalia as ações, ideias, impressões e conhecimentos, mas também uma autocrítica daquele que narra (PRADO; SOLIGO, 2005). Com isso, além do olhar atento sobre o que acontece ao redor e ao que move o autor, é preciso também está com o olhar voltado para si na busca de enxergar o interior e o exterior.

Em vista disso, para a escrita do memorial de formação é preciso desse olhar atento para identificar suas fragilidades, erros, acertos, analisar e refletir do que e como constituiu sua formação até aqui, e como pode ser daqui para frente a partir da tomada de consciência, dos (res)significados encontrados.

Nessa perspectiva, o memorial de formação consiste num movimento para a compreensão dos fatos, e para isso, é preciso uma constante busca por momentos que são marcantes e relevantes, se tornando um exercício tanto para a escrita como para o entendimento do processo de formação (MOURA, 2019).

Para Rodrigues (2010, p.178) os memoriais de formação são instrumentos pedagógicos reflexivos:

[...] porque promovem a articulação entre vivências sociais e educativas no contexto em que ocorrem; atribuem re-significação ao espaço, ao tempo e ao lugar vividos, permitem que o sujeito elabore

interconexões entre as suas histórias de vida em termos políticos, sociais, educacionais e familiares [...].

Assim, os memoriais de formação, como instrumentos pedagógicos, viabilizam um movimento de ressignificação articulando as experiências às diversas dimensões que envolvem a formação do sujeito. Desta forma, no exercício de reflexão retrospectivo e prospectivo, o sujeito da formação, pode identificar acontecimentos e fatos, e passar a agir de forma consciente no seu processo de formação (NASCIMENTO, 2013).

Em vista disso, percebo que não são quaisquer fatos e acontecimentos, eles precisam ter um significado e uma relevância na trajetória do sujeito, experiências que tenha contribuído no crescimento e formação do sujeito, e que propicia ao sujeito o pensar em si e no conjunto as relações que estão ligadas aos processos.

Neste sentido, uma narrativa de vida, para o sujeito da narração, deve haver uma intencionalidade de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação (ABRAHÃO, 2011). Diante disso, ao narrar um acontecimento ou experiência é preciso que tenha uma intenção, com vista de, não somente tornar conhecido e público o fato narrado, mas também na busca de esclarecer a importância do acontecimento durante a trajetória formativa.

Em relação às experiências, Larrosa (2002, p. 21), nos diz que “A experiência é o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”. Assim, não é qualquer coisa que passou pela nossa trajetória e sim o que nos toca e o que nos acontece, e através disso, que pode nos formar ou transformar. Assim, “a experiência não se assemelha com experimento, tampouco contém algum tipo de dogmatismo ou autoridade, não se resume ao fazer prático nem mesmo a um imperativo, não possui um conceito petrificado e universal” (MOURA, 2019, p. 14). Por isso que o conteúdo de um memorial de formação é a experiência.

Desta maneira, podemos perceber o quanto é importante o uso do memorial como dispositivo de formação, pois o sujeito caminha uma jornada de experiências, que com certeza, marcaram e tocaram sua vida de maneira única e que podem contribuir com suas percepções, análises e reflexões para novas práticas.

Com efeito,

O êxito da escrita do memorial autobiográfico se realiza quando se explora seu potencial formativo, deixando-se envolver por uma reflexão ética sobre o percurso intelectual e o encantamento estético de se fazer do memorial uma arte formadora de si mesma enquanto profissional.” (PASSEGGI, 2010a, p. 3)

É nesse sentido que o memorial de formação serve para estimular o relato de acontecimentos importantes e relevantes da trajetória do sujeito, desta forma, aprendendo, no processo da sua escrita, a relacionar fatos com significados e sentidos das experiências vividas, ressignificando as ações tomadas. Além disso, o sujeito tem a oportunidade de praticar o exercício de análise e reflexão de si e do seu processo de formação, assim como também construir novas práticas a partir desse movimento.

No próximo capítulo, trago reflexões sobre minha trajetória escolar, acadêmica e no Programa Residência Pedagógica, destacando momentos importantes que considero que contribuíram com minha formação pessoal e profissional.

2 REMEMORANDO TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Ao Rememorar, somos levados a buscar em nossas lembranças quem somos e os significados do percurso realizado, desta maneira, remetida a investigar a própria história a partir das experiências e memórias.

Na maior parte das vezes, lembrar não é viver, mas é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1995, p. 55)

Ao lembrar de algo não vivo aquilo novamente, e sim tenho novas ações e atitudes a partir das reflexões feitas das experiências ocorridas no passado, e como disse a autora que abre esse capítulo, esse processo não é sonho, é trabalho. Assim, trago minhas memórias, não como um sonho, e sim como trabalho de (res)significação da minha trajetória de formação.

Com isso, “ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam.” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 6). Nesta perspectiva, a partir das rememorações, neste capítulo faço reflexões sobre minha trajetória de formação pessoal, acadêmica e minha participação pelo Programa Residência Pedagógica-2020.

2.1 Formação pessoal

Sou a primeira filha de Antônio Nivaldo e Eliane Maria. Tenho três irmãos e nasci na cidade de Imperatriz/MA, em 28 de abril de 1987. Casada e tenho dois filhos: Lucas e Luiz Miguel.

Meus pais moraram toda a infância na zona rural no Maranhão, Tocantins e Pará; quando casaram, se mudaram para Imperatriz, logo depois tiveram os filhos. Não conseguiram frequentar a escola na infância e depois de casados tentaram estudar, mas a rotina de trabalho e filhos pequenos se tornou uma tarefa difícil, mas com o tempo, minha mãe conseguiu concluir o Ensino Médio, já meu pai não.

Eles incentivaram bastante os estudos de seus filhos, fizeram o que puderam para contribuir com a educação escolar de todos os seus filhos. Como eles não

puderam frequentar na infância e começaram a trabalhar muito cedo, apoiaram e acompanharam os filhos como podiam.

Minha infância foi tranquila, era e ainda sou muito tímida, com poucas amizades. Quando criança, não saímos muito de casa, a não ser para ir à escola e, às vezes, nos finais de semana, íamos para casa de algum parente. Na época achava ruim, mas depois que tive filhos, entendi a importância de crianças fora das ruas.

Na adolescência meus pais se separaram, foi muito difícil para todos. Na mesma época comecei a trabalhar em casas de famílias para ajudar com as despesas domésticas. Assim, passei a fazer o Ensino Médio à noite, esse período foi de muitas mudanças, mas hoje vejo como momentos e fases de crescimento e amadurecimento.

Aos 18 anos de idade engravidei e casei, assim aumentaram as responsabilidades e, com isso, os estudos tiveram que parar quando terminei o terceiro ano do Ensino Médio, pois toda a dificuldade de trabalhar fora, cuidar de casa e filho era uma correria que não sabia lidar e foi preciso parar algumas dessas atividades, como a de estudar. Só dez anos depois consegui dar continuidade aos estudos.

2.2 Trajetória Escolar

Toda minha trajetória escolar se desenvolveu na rede pública de Imperatriz/MA. O Jardim I e II ocorreram na escola Moriá que ficava no Bairro Bacuri, mesmo bairro em que morava. Não são muitas as lembranças dessa época, mas lembro do dia da foto abaixo, estava muito nervosa e queria chorar, não gostava de tirar foto de tão tímida que era, esperei que todos tirassem as suas ficando por último, de tanta vergonha.

Imagem 1: Foto da lembrança Escolar no Jardim-2



Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem acima meu nome está com os sobrenomes trocados de lugar e tem um “y” no lugar do “i”, e aprendi a escrever meu nome assim nesta escola. Quando cheguei à outra escola e ao escrever meu nome nas tarefas a professora dizia que estava errado e ficava sem entender nada. Isso me deixava muito chateada, era como se não soubesse escrever meu nome, sendo que estava escrevendo como foi-me ensinado.

Em vista disso, passei um bom tempo para acertar meu nome, lembro que virou um caos na hora das atividades, porque queria escrever da forma que aprendi até minha mãe ser chamada na escola para falar sobre, assim, toda vez que era para fazer as tarefas colocavam o meu nome anotado ao lado para não ter desculpa que tinha esquecido, isso ficou tão marcado que até no Ensino Médio escrevia meu nome daquela forma.

Em relação à minha alfabetização, ocorreu em outra escola chamada Escolinha do Mickey. Lembro-me da sala toda lendo em coral as vogais de frente para trás e de trás para frente, depois o nome das letras do alfabeto e numerais.

Esse processo foi através de muitas repetições tanto escritas como orais, passávamos horas repetindo o alfabeto escrito no quadro e depois escrevíamos folhas e folhas do caderno para memorizar. Com um método mecânico para a aquisição da escrita e leitura, e não trabalhava a relação da escrita e leitura com o significado das palavras.

Para Magda Soares (2020, p. 27) alfabetização é o “Processo de apropriação da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de tecnologias - procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita [...]” e o letramento é a

“Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita [...]” (2020, p. 27), e que ambos são peças de um quebra-cabeça em que uma complementa a outra de forma diferente, levando em consideração contextos culturais e sociais do uso da escrita.

Nesse processo, lembro-me da angústia e do cansaço que era aprender a ler e escrever, pois eram a partir das repetições exaustivas de leituras e escritas sem contexto me deixando algumas vezes desanimada e triste, chegando a chorar para parar e muitas vezes doía a mão de tanto escrever. Na época meus pais me colocaram em aulas de reforço, porque para eles eu não estava dando conta.

Contudo, gostava de ir para a escola, brincava de escolinha nas brincadeiras com meus irmãos e amigos e gostava de ser sempre a professora. Sempre que chegava das aulas gostava de falar sobre o que tinha visto e mostrava para meus pais as palavras novas que estava aprendendo.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental foram no Centro de Ensino Francisco Alves, no Bairro Buriti, em Imperatriz. Gostava muito dessa escola, das pessoas que conheci, das amizades que tenho até hoje, foi uma época muito boa e marcante na minha vida.

A professora da primeira série, até hoje quando a vejo, tenho vontade de abraçá-la de tão amorosa que ela era. Mesmo não achando nada boa as aulas que tinha na outra escola, mas com a ajuda das aulas de reforço, já conseguia ler bem e a professora sempre me chamava para ajudar os colegas com as atividades.

O Ensino Fundamental ainda aconteceu de forma tradicional, e mesmo percebendo que não passei por muitas coisas como castigos e palmatórias, mas sempre havia os comentários de professores que tinham essas práticas e todo ano que era para mudar de série e professor, eu passava as férias rezando para que não fosse aquele tal professor dos castigos.

Um das lembranças marcantes são as provas. Nessa época, os professores faziam uma atividade de revisão antes e precisávamos decorar exatamente como estava, e quem não conseguia decorar ficava com nota baixa, pois as notas que tirávamos na prova eram colocadas direto no boletim, não era levado em consideração o percurso do estudante, ou seja, aquela prova era tudo ou nada para ter uma boa nota no bimestre.

Os anos finais do Ensino Fundamental aconteceram na escola Centro de Ensino Edison Lobão, no Parque Anhanguera, hoje se chama Edna Morais. Na

época dessa mudança de escola eu estava entrando na adolescência, meus pais se separaram e, com tudo isso, os estudos passaram a ficar de lado.

A separação dos meus pais não foi fácil para ninguém, foi uma fase muito difícil que se arrastou por alguns anos. Quando chegava na escola fazia somente o básico para passar de ano, totalmente sem concentração, passei a conversar muito, não assistia às aulas (mas não deixava de ir para a escola, pois tinha como refúgio para sair do meio das brigas), comecei a ficar de recuperação em quase todas as disciplinas.

Segundo Souza e Araújo (2014, p.7):

Quando acontece uma separação, geralmente há um desequilíbrio emocional dos pais onde outros sentimentos negativos afloram, como a raiva e o desejo de vingança. Estes sentimentos são passados para os filhos que passam a apresentar as mais diversas reações. A mais frequente, além da depressão é a agressividade e as dificuldades de aprendizagem na escola.

De uma forma ou de outra, os conflitos acabam afetando os filhos e, conseqüentemente, os estudos. Com isso, a escola tem um papel muito importante, neste período, de estar atenta aos sinais que as crianças dão como mudança de comportamento, às vezes agressiva, calada demais, falta de interesse em algo que gostava de fazer, entre outras demonstrações de que esses conflitos estão atingindo de forma significativa o desenvolvimento e formação do sujeito.

Quando começou o Ensino Médio, mudei para o período noturno para trabalhar e ajudar com as despesas da casa. Cada dia que passava, ficava mais desmotivada, pois trabalhava o dia todo e chegava cansada em casa e tinha que sair correndo para a escola. No terceiro ano do Ensino Médio engravidei e casei.

Passei 10 anos afastada dos estudos, mas sabia que só podia mudar minha realidade se voltasse a estudar, assim passei a pensar nas possibilidades de fazer um curso superior e mudar das áreas que estava trabalhando.

Com isso, fiz algumas pesquisas de cursos em faculdades particulares na cidade, pois não acreditava que conseguiria passar em uma universidade pública, sempre ouvi falar que era bastante concorrido, e lembrava que quando era criança escutava dizerem que só passavam em universidade pública os que tinham boas condições financeiras e quem podia pagar cursinho para ajudar a passar ou que

estudava em escola particular, por isso não acreditava que conseguiria passar em uma universidade pública.

Com as consultas aos cursos me interessei por Pedagogia. Recordei os momentos que acompanhava meus pais nos estudos, meus irmãos, por algum tempo fui catequista e gostava de preparar os encontros, o ambiente, e pensei, por que não?!

Mesmo pesquisando faculdades particulares e não acreditando que conseguiria passar em universidade pública, fiz inscrição e a prova do ENEM em 2014. A nota não deu para entrar em nenhum curso, então fiz uma prova em uma faculdade particular, passei e ingressei no primeiro semestre de 2015 no curso de Pedagogia.

Com o decorrer do semestre gostava cada vez mais do curso, fiquei encantada com o universo que a Pedagogia abrange e o poder de cultivar e cativar os sonhos das pessoas, e em levar a educação a todos os cantos.

Quando terminei o primeiro semestre o orçamento na minha casa apertou e não foi possível continuar no segundo semestre. No mesmo ano fiz novamente a prova do ENEM e a nota deu para ingressar no segundo semestre de 2016 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no curso de Pedagogia. Fiquei muito feliz em entrar em uma universidade federal e no curso que eu já tinha dado início e estava gostando. Nem acreditava.

2.3 Trajetória Acadêmica

Inicia-se uma nova etapa na minha vida. O primeiro semestre deveria ter sido tranquilo já que tinha feito um semestre em outro momento, mas não foi, estava grávida do meu segundo filho e trabalhava no centro da cidade em uma loja de eletrodomésticos e tudo ficou muito pesado ao longo do dia. Contudo, como já havia adiado demais meus estudos sempre que acontecia algo, colocava de lado, estava decidida que agora o foco era me dedicar ao máximo.

Nesta caminhada tive muita dificuldade com as leituras densas, pois não tinha o hábito da leitura e muito menos de ler um livro todo, e isso é triste, mas era a minha realidade. Na infância não tive esse hábito e quando fiquei adulta a correria do dia a dia, filho e casa para cuidar, não havia tempo para essa prática. Mas, com a

minha caminhada na UFMA tudo mudou, claro que começou com as leituras obrigatórias, porém com o tempo fui conhecendo e aprendendo o gosto pela leitura.

Diante disso, percebo o quanto é importante à construção desse hábito pelas instituições educacionais, pelas famílias e o meio social, mas para isso é necessário investir no mediador da leitura para que ele tenha o hábito de ler e passar adiante. Como um pai/mãe vai incentivar o filho a ler se eles não tiveram incentivo ou como um professor pode incentivar um hábito que ele não tem?

Assim aconteceu comigo, mas somente quando cheguei ao Ensino Superior, conheci professores e amigos que liam além da obrigação, e sim, pelo prazer de conhecer e estar informados. De forma geral, os trabalhos acadêmicos também foram bastante desafiadores como as produções de resenhas, artigos, projetos entre outros, sempre me via perdida nas produções.

Sobre o processo da escrita acadêmica Vieira e Moura (2021, p. 1) enfatizam que:

O desenvolvimento da escrita universitária faz parte de um processo, nada simples, chamado letramento acadêmico. Este é a capacidade de os alunos universitários alcançarem o domínio do uso de diversos gêneros discursivos dentro da academia [...]

E toda essa produção acadêmica é importante para a formação do estudante, pois esses trabalhos contribuem para o desenvolvimento de saberes científicos, assim como também, pensamentos críticos e reflexivos a partir do processo de construção das habilidades necessárias para a formação profissional, e para isso é fundamental o letramento acadêmico.

No primeiro semestre do curso, em 2016.2, na disciplina de História da Educação, a professora pediu para escrever sobre nós: quem somos e contar como foi nossa formação escolar. Momento bem difícil de fazer.

De início, pensei que seria fácil, pois era só escrever sobre mim, minhas experiências e descrever algumas partes da minha trajetória, mas não foi bem assim. Fazer esse recorte requer voltar ao passado, remexer nas lembranças escondidas e esquecidas, traz gatilhos e muitas vezes não entendemos quem somos e no que nos tornamos. Como diz Guedes-Pinto (2012, p.3):

Ao nos propormos reconstruir nosso passado (distante ou próximo) temos a oportunidade de repensarmos e ponderarmos a respeito de quem somos e de quem temos sido. Podemos dizer também que o

processo de rememorar abre diversas vias, entre as quais a de nos surpreendermos conosco ao longo dessa retomada e ao longo desse recortar e a de nos darmos conta de elaborações e reflexões que nem sabíamos habitar-nos.

O exercício da rememoração é importante por trazer essa percepção de conhecer e entender nossa trajetória e a partir dela colocarmos em ação práticas que julgamos ser necessárias para nossa construção como sujeito.

Com essa busca pelo passado foi possível refletir, mesmo que de forma simples, sobre minha trajetória até a universidade e onde queria chegar, assim como também perceber a importância desse movimento para a minha formação pessoal e profissional.

Quando escrevi o texto, me achei uma pessoa sem muitas histórias para contar, sem grandes feitos, uma pessoa comum que veio de uma família simples e humilde, com três irmãos e que colocou a educação em segundo plano à vida toda devido às circunstâncias, diante disso, fiquei sem saber o que fazer.

Mesmo assim, com a minha inexperiência de escrever um texto como esse, fiz uma descrição das minhas características, falei da minha família e uma breve passagem de como foi o Ensino Fundamental e Médio, tudo de maneira bem geral, sem fundamentação ou uma reflexão mais profunda, até porque ainda não sabia como lidar com as emoções ou como se deu o processo e preferi não aprofundar.

Na produção dessa atividade, me senti pequena e envergonhada, tanto em não saber escrever e expressar com clareza o que foi proposto, por mais simples que parecia ser como o de perceber naquele momento que minha formação e onde queria chegar teria uma longa caminhada, e que precisaria de muito mais dedicação do que imaginava, pois tinha que aprender a ler, interpretar e escrever concomitante com as disciplinas do curso.

Esse movimento de busca nas memórias do meu percurso e sobre quem eu era e sou, foi muito significativo para me enxergar e serviu de incentivo do quanto precisava continuar com os estudos, mesmo com todas as dificuldades que enfrentava.

Posso dizer que todas as disciplinas cursadas e trabalhos produzidos foram de suma importância para meu processo, pois foram como peças de encaixes abrindo passagem para minha formação pessoal e profissional.

O Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais, no sexto período, também contribuiu bastante na minha formação, pois foi o único estágio que fiz presencial, os outros foram de forma remota devido à pandemia de 2020 a 2022. Esse estágio foi um dos principais momentos em que participei da rotina de uma escola.

Qualquer estágio é muito importante e contribui para a formação profissional, pois é a etapa do curso que o acadêmico vivencia no campo de trabalho a rotina da futura profissão. No meu caso, o dia a dia da escola e como funciona toda sua dinâmica foi meu laboratório.

Desta forma, o Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais concede ao estudante uma visão ampla da escola e sobre o processo educacional a partir do momento que entra em contato com a realidade escolar. As ações e intervenções que são realizadas são momentos de planejamentos, ações, práticas e reflexões que possibilitam um leque de aprendizagens durante o processo. Isso porque, a gestão escolar, para Lück (2009, p. 24):

Gestão escolar é o ato de gerir a dinâmica cultural da escola, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação de seu projeto político-pedagógico e comprometido com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional.

Assim, é na gestão que se encontra toda a dinâmica de funcionamento da escola embasada nas diretrizes, políticas e princípios, que deveriam ser de uma gestão democrática. Desta forma, a experiência em campo traz detalhes das diversas situações que podem acontecer na escola e que proporcionam conhecimentos, para os estagiários, da realidade vivida na escola e uma melhor compreensão do processo educativo como um todo.

Na imagem a seguir apresento a equipe de estágio que eu fazia parte:

Imagem 2: Equipe de estagiários que participei



Fonte: Arquivo pessoal

Depois das observações que fizemos na escola, pensamos em uma avaliação institucional, como parte da intervenção, para identificar os pontos a serem trabalhados pela escola para o seu melhor funcionamento. Isso foi necessário porque no Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais da UFMA, os estagiários, após a observação, reúnem os dados verificados e propõem um projeto de intervenção. O nosso foi sobre a avaliação institucional para contribuir com o Projeto Político Pedagógico da escola, especialmente, na caracterização do diagnóstico.

A avaliação institucional deve identificar aspectos e informações que viabilizem a realização dos objetivos educacionais, segundo Brandalise (2010, p. 318):

Ela tem que identificar aspectos concretos, formais e informais, explícitos ou não, internos e externos, que viabilizam a realização dos objetivos e fins educacionais propostos num projeto institucional. Há, portanto, que se considerar toda a dinâmica institucional para captar o espírito da instituição avaliada. Nesta perspectiva, a avaliação institucional tem um caráter formativo, está voltada para a compreensão e promoção da autoconsciência da instituição escolar.

Com isso, a escola pode usar a avaliação como instrumento de reorganização do seu trabalho ao identificar aspectos que precisavam de novas ações para alcançar uma educação de qualidade. Posto isso, conversamos com a gestora da escola sobre a possibilidade do desenvolvimento do projeto e ela aceitou. Preparamos tudo, fizemos muitos encontros para estudarmos a melhor maneira de

fazer. A contribuição da professora responsável pelo estágio foi fundamental nesse trabalho, pois ela já tinha participado de algumas avaliações como essas e isso ajudou muito.

Para os estagiários, o processo da avaliação foi bem interessante, pois foi uma ação que nos levou ao contato direto com toda a comunidade escolar. Os pais, professores, estudantes e equipe escolar ficaram disponíveis para nos ouvir e conversar sobre as práticas escolares, sobre a estrutura da escola, educação, políticas públicas, cultura, entre outros assuntos abordados na avaliação institucional, nos proporcionando momentos de muitas aprendizagens com esse contato.

Desta forma, com Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais, foi possível adquirir novas percepções, habilidades e olhares ao processo escolar, e uma delas foi que, para alcançar a qualidade no ensino, é preciso trabalho em equipe, todos trabalhando com responsabilidade, ética, compromisso e determinação, e que a gestão escolar precisa estar aberta a essas ações.

Outro estágio que realizei foi o Estágio em Docência na Educação Infantil que, devido à pandemia causada pelo vírus da Covid-19 em 2020, ocorreu de forma remota com atividades desenvolvidas de forma síncrona e assíncrona. Neste contexto, entra em cena o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que segundo Silva, Andrade e Brinatti (2020, p. 9):

Responde a uma mudança repentina de modelos instrucionais para alternativas em uma situação de crise. Nessas circunstâncias, faz-se uso de soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seria ministrado presencialmente ou como cursos híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído.

Foram realizadas para esse estágio produções de webinários e participação no minicurso *Narrativas Digitais e Construtos de Identidade Docente* ministrado pela professora Kessia Mileny de Paulo Moura docente da UFMA, para a conversão da carga horária do minicurso para o estágio.

Infelizmente, foi uma grande perda o Estágio em Docência na Educação Infantil ter ocorrido fora do campo e de forma não presencial, pois nada se compara

com o experimentar do dia a dia, da convivência no ambiente escolar e na sala de aula com os alunos e professores para a formação docente, isso porque o estágio:

[...] é compreendido como um processo de experiência prática, que aproxima o acadêmico da realidade de sua área de formação e o ajuda a compreender diversas teorias que conduzem ao exercício da sua profissão. É um elemento curricular essencial para o desenvolvimento dos alunos de graduação, sendo também, um lugar de aproximação verdadeira entre a universidade e a sociedade, permitindo uma integração à realidade social e assim também no processo de desenvolvimento do meio como um todo, além de ter a possibilidade de verificar na prática toda a teoria adquirida nos bancos escolares. (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 4)

Mas, para garantir a segurança de todos, o isolamento social durante a pandemia foi essencial, pois vivíamos um momento cheio de incertezas e dúvidas e, para dar sequências às atividades acadêmicas, foram realizadas diversas estratégias dentro da universidade, entre elas, para esse estágio, os estudantes realizaram webinários e participaram de um minicurso com carga horária de 60 horas.

Os webinários são seminários *on-line* em vídeos que podem ser gravados ou ao vivo, assim foi à forma encontrada para apresentações de trabalhos e partilha de conhecimentos e experiências nesse momento de quarentena que o mundo se encontrava. Eles foram permitidos a partir do que foi decidido e publicado em Ata de Reunião da Comissão de Estágio do curso de Pedagogia, no dia 03 de junho de 2020. Alternativa, depois ratificada pela Resolução n.º 2.078-CONSEPE, 17 de julho de 2020, que regulamentou o Ensino Emergencial Remoto e/ou Híbrido na UFMA durante período de pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2/COVID-19).

Por intermédio e orientação da professora responsável pelo estágio, foram realizados encontros *on-line* com a turma para os planejamentos, as tomadas de decisões e para produção dos webinários. Os temas escolhidos para os webinários envolveram a Educação Infantil e o momento de aflições que estávamos passando com a pandemia.

Pensando em como garantir o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil no cenário pandêmico, foram realizados dois webinários, um tratando sobre a arte, o corpo e a música como ferramenta do ensino e aprendizagem, e outro sobre espaços, relações e transformações na Educação Infantil e pandemia.

O primeiro webinar teve como tema *A arte, o corpo e a música como ferramenta de ensino e aprendizagem*, com o professor Charles Sousa Pinheiro, realizado no dia 28 de julho de 2020, via *Google Meet*, com a mediação da professora Simone Regina Omizzolo e da discente Shirley Soares de Araújo.

Imagem 3: Panfleto do evento



Fonte: Grupo de organização do webinar

Esse webinar teve como objetivos compreender a importância da música como ferramenta de ensino, identificar as possibilidades de trabalhar a música na Educação Infantil no ambiente remoto e instigar a utilização do corpo como forma de expressão musical.

A música tem um papel importante na Educação Infantil, pois ajuda no desenvolvimento de habilidades e competências, desta forma auxilia no despertar da criatividade, linguagem, coordenação motora dentre outras áreas de forma prazerosa e leve. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [BRASIL, 2017], é por meio de diversas formas de expressões e linguagens como artes visuais, arte, música, possibilita às crianças vivenciar diferentes formas de se expressarem criando suas próprias produções artísticas ou culturais.

O segundo Webinar produzido pela turma de estágio teve como tema *Espaços, relações e transformações na Educação Infantil a partir do ensino remoto: desafios e possibilidades*.

O objetivo deste Webinar foi analisar os espaços, as relações e transformações na Educação Infantil com foco no ensino remoto no contexto da

pandemia, englobando os desafios e as possibilidades de ensino e aprendizagens das crianças no ambiente diferente da sala de aula. A professora Dr.^a Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro foi à convidada pela turma para falar sobre esse tema desafiador.

Imagem 4: Panfleto do Webinário para divulgação



Fonte: Grupo de organização do webinário

A professora destacou que o ensino remoto é uma das últimas opções para as aulas na Educação Infantil por diversos fatores, como: falta do ambiente de estudo, rotina, interação com outras crianças e o professor, mas que no momento era o que se tinha a fazer para dar seguimentos às aulas.

Para minimizar os problemas causados pelo ensino remoto foi necessário buscar alternativas e desenvolver meios para deixar as aulas mais leves, e os profissionais ficarem atentos a possíveis problemas que podem acontecer com o passar do tempo, como a não participação das atividades e ausência da criança, entre outras questões.

Esses dois webinários me ajudaram muito a entender sobre as dificuldades que os profissionais da docência, pais e alunos estavam enfrentando no momento de isolamento social e com a educação remota, além de conhecer algumas estratégias para aulas remotas na Educação Infantil.

De forma geral, a comunidade escolar e os pais foram pegos de forma repentina pela emergência do isolamento social e com o ensino remoto. Assim, nenhuma das partes estavam preparadas para esse momento.

Os pais estavam enfrentando vários problemas, como a ausência de computadores em casa sendo mais frequente o uso de dispositivos móveis, falta de experiência com plataformas para os encontros virtuais e dificuldade em mediar às atividades dos filhos (ALVES, 2020), além de lidar com as questões da doença, todos estarem confinados em casa, falta de espaço para os estudos dos filhos entre outras questões.

Os estudantes, por sua vez, também não obtiveram boa adaptação com a rotina das aulas em casa. Segundo Alves (2020, p. 356), “[...] crianças e adolescentes vêm resistindo a essa rotina, pois acreditam que estão de férias, já que estão em casa. Tal percepção tem gerado situações de estresse para eles e seus pais”, assim, muitas famílias tiveram dificuldades para manter uma rotina de estudos em casa devido às crianças não compreenderem essa mudança repentina e não conseguem separar um momento para as aulas.

Em relação aos docentes Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p. 12) apresentam alguns apontamentos sobre o que esses profissionais estão enfrentaram durante o isolamento:

Insegurança, necessidade de adaptações rápidas, invasão da casa pelo trabalho e pela escola, ansiedade frente às condições sanitárias e econômicas são elementos presentes no cenário atual que vêm produzindo professores em estado de exaustão.

O ensino remoto levou aos docentes diversas questões que acabaram sobrecarregando-os e levando alguns ao adoecimento, questões como: o uso das tecnologias digitais, que mesmo utilizando algumas no seu dia a dia, não tinham acesso à infraestrutura e equipamentos adequados, tendo que providenciar com recursos próprios; outro ponto foi transformar sua casa no ambiente de trabalho, acumulando com outras atividades e limitando sua privacidade; outra questão foi à sobrecarga dos horários, pois muitos professores ficavam a disposição o dia todo para atender os alunos, tinham de produzir as aulas (textos, vídeos, slides...), ministrar e corrigir trabalhos entre outras inúmeras atividades. Com isso, “Os professores também apontam as condições psíquicas as quais estão sujeitos, tendo que utilizar múltiplos chapéus, para além da sua expertise na área que se propõe ensinar [...]” (ALVES, 2020, p. 356).

Depois dos webinários realizados, participamos do minicurso *Narrativas Digitais e Construtos de Identidade Docente* que foi ministrado pela professora

Kessia Mileny de Paulo Moura, docente da UFMA, e também foi utilizado para a conversão de carga horária do Estágio em Docência na Educação Infantil

Imagem 5: Panfleto do minicurso Narrativas Digitais e Construtos de Identidade Docente



Fonte: Organizadora do minicurso

O minicurso aconteceu de forma virtual e proporcionou aos participantes conhecer e trabalhar algumas mídias e gêneros digitais, produzindo narrativas sobre a formação docência dos participantes, identificando possibilidades de trabalhos para o uso pessoal e profissional na docência.

O minicurso fazia parte da etapa da construção e coleta de dados da pesquisa doutoral da Professora Késsia Mileny de Paulo Moura. Portanto, além de estarmos participando do minicurso, adquirimos mais conhecimentos para a conversão no Estágio em Docência na Educação Infantil, também estávamos contribuindo com a pesquisa da professora.

Diante disso, foram dias de muitas aprendizagens e conhecimento de vários recursos e possibilidades que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, além das produções de trabalhos, vídeos, *podcasts* e textos, materiais para o uso nas mídias digitais e foram postados em redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Tumblr* entre outras.

Na elaboração desses trabalhos foram utilizadas nossas próprias narrativas e memoriais, que foi muito bom para ajudar na percepção da importância da nossa

trajetória de formação e para nossa identidade docente, além de conhecer e produzir conteúdos por meio das tecnologias e mídias digitais.

Com certeza, esse minicurso contribuiu bastante com a minha formação, pois foi bem depois que tudo parou por causa da pandemia, então estávamos todos ainda sem saber como trabalhar ou dar seguimento às atividades acadêmicas, mas com o curso foi possível olhar as tecnologias e mídias digitais com outros olhares, além de exercitar a reflexão sobre nossas narrativas.

Entender a importância das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para o processo de ensino e aprendizagem se faz necessário para a formação docente frente aos avanços e desenvolvimento da sociedade, isso porque

Uma das competências necessárias para os docentes é a utilização das TDIC possibilitando desenvolverem novas habilidades para suas práticas docentes e despertar no seu aluno entusiasmo pelo conhecimento e pela inovação. Essas TDIC, assim como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), dizem respeito a um conjunto digitais, e vêm exigindo dos educadores habilidades e postura frente a era digital que antes não era marcante. (SOUSA; SILVA; MOURA, 2020, p. 191)

Nesse sentido, as TDIC na formação docente são necessárias para o desenvolvimento de habilidades, visto que, estamos diante de uma sociedade que cresce cada vez mais em meios tecnológicos, assim, os docentes em formação podem ampliar suas ações e metodologias ao melhorar e adquirir novas práticas que possam contribuir com o processo de formação.

Mas não cabe somente aos professores a responsabilidade por todas as melhorias das práticas educativas em relação às TDIC, pois de acordo com Sousa, Silva e Moura (2020, p. 194), “Aos governos cabe à incumbência de, além de propor, efetivar políticas de incentivo e práticas no uso das TDIC nos espaços escolares, bem como garantir a qualificação dos professores desde o processo de formação acadêmica”, portanto além das propostas é preciso ações efetivas para a qualificação dos professores e melhoria educação escolar.

O minicurso contribuiu para conhecer aplicativos, plataformas, mídias digitais e como utilizá-las de forma estratégica e pedagógica nas aulas remotas ou presenciais, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico.

Mesmo não realizando o Estágio em Docência na Educação Infantil em campo como o Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais, as

formações realizadas nos webinários e no minicurso, no modelo ERE foram de grandes aprendizagens e enriqueceram o meu processo formativo através de novos conhecimentos, experiências e práticas referentes à Educação Infantil e o uso das TDIC.

Outro estágio realizado foi o de Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental que também aconteceu em meio à pandemia, e como participei do Programa Residência Pedagógica no período de 2020 a 2022, foi possível converter as horas do programa para o estágio.

No ano de 2020, foi aberta a inscrição para o Programa Residência Pedagógica, mesmo ainda sem saber muito como funcionaria devido à pandemia, vi a chance de participar de um dos programas da universidade e como ainda não tinha feito o Estágio em Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental aproveitei as horas do Programa.

Desde quando entrei na universidade, imaginava participar de todas as atividades possíveis e aproveitar as oportunidades, mas não foi bem assim, como iniciei o curso grávida e no outro período tive que trancar, fui voltando aos poucos e adaptando-me ao estudo, trabalho, filhos e casa. Com o tempo saí do emprego, as crianças foram crescendo, assim comecei a fazer mais disciplinas e participar dos programas de iniciação à docência oferecidos pela universidade.

De forma geral, minha trajetória acadêmica proporcionou-me grandes aprendizagens que me transformou completamente como pessoa, passei a acreditar mais em mim. Todo esse processo foi muito além da construção da profissional.

2.4 Trajetória no Programa Residência Pedagógica

O Programa Residência Pedagógica no curso de Pedagogia (RP-Pedagogia) aconteceu em meio a muitas incertezas devido à pandemia, pois não sabíamos como iria funcionar, o que daria certo ou não e quais seriam os caminhos a percorrer diante ao isolamento social.

Em novembro de 2020, iniciaram as primeiras reuniões para conhecermos qual era a escola campo, a turma que iríamos trabalhar, quem era o preceptor, o que faríamos em cada bloco do programa, os primeiros planejamentos e como tudo iria acontecer.

Foram realizadas formações que se tornaram fundamentais para a realização das ações durante o programa, momentos esses que contribuíram com as nossas reflexões, análises e estudos de tudo que faríamos no decorrer do RP-Pedagogia.

Logo após os primeiros meses, depois de algumas formações, o grupo de residentes passou a construir as aulas de matemática para serem postadas na plataforma que o município de Imperatriz/MA disponibilizou para as aulas remotas. Desse modo, foram construídas aulas escritas, vídeo aulas e atividades pelos residentes.

Com incentivo do professor orientador, também participamos de eventos, congressos e produzimos trabalhos acadêmicos, como: artigos científicos, capítulos de livros, comunicações orais, falando das nossas experiências no/com o RP-Pedagogia, com as aulas de matemática e o uso das TDIC². Isso se tornou muito gratificante, porque particularmente ainda não tinha participado de nenhum evento com produções feitas por mim, isso fez com que eu aprendesse bastante, abriu novos horizontes que contribuíram com a minha formação pessoal e profissional.

2.4.1 Conhecendo o Programa Residência Pedagógica

²Evento VIII ENALIC - VIII ENCONTRO NACIONAL DA LICENCIATURA/ VII SEMINÁRIO DO PIBID/ II SEMINÁRIO DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA. Nós passarinhos, eles passarão: esperança, agir, e resistir na formação de professores. De 07 a 11 de dezembro de 2021. Artigo **Desafios do ensino da matemática em tempos de pandemia nos anos iniciais do ensino fundamental**: relato de experiência de uma residente, escrito com o prof. Dr. Jônata Ferreira de Moura. Edição *on-line*. Link de acesso:

<https://www.editorarealize.com.br/edicao/viii-enalic/pesquisa?autor=DIANA+DA+SILVA+SIM%C3%83O&titulo=DESAFIOS+DO+ENSINO+DA+MATEM%C3%81TICA+EM+TEMPOS+DE+PANDEMIA+NOS+ANOS+INICIAIS+DO+ENSINO+FUNDAMENTAL%3A+relato+de+experi%C3%Aancia+de+uma+residente&modalidade=Relato+de+Experi%C3%Aancia%28RE%29&at=ET+08%3A+Forma%C3%A7%C3%A3o+inicial+e+continuada+de+professores>

XIV ENEM. ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: Educação Matemática, Escola e Docência - o que nos trouxe Ubiratan D'Ambrósio. Realizado de 11 a 15 de julho de 2022. Artigo **O uso do WhatsApp como recurso no ensino da matemática escolar em tempo de pandemia**, escrito com o prof. Dr. Jônata Ferreira de Moura. Edição Virtual. Plataforma Even3/eventos. Link do vídeo apresentado:

https://www.canva.com/design/DAFD-nU8ofs/klwvOtfCw4HxEwMZzSiyqg/view?utm_content=DAFD-nU8ofs&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink

Capítulo **O lúdico como dispositivo metodológico no ensino da matemática escolar no contexto da Covid-19**, do livro Educação em evolução: da formação à prática. Escrito com alguns dos residentes do RP-Pedagogia (2020) e os professores Jônata Ferreira de Moura e Carlos Humberto Silva de Sousa. Publicado em jun. de 2022. Editora Pimenta Cultural. Acesso em: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.180>.

O Programa Residência Pedagógica (RP) faz parte das iniciativas do Ministério da Educação (MEC) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sendo uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores do governo federal e visa promover a experiência de regência em sala de aula aos discentes das licenciaturas, acompanhados pelo professor da escola e pela orientação de um docente da instituição formadora (BRASIL, 2020). Os objetivos do Programa são:

a) incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente; b) promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); c) fortalecer e ampliar a relação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas públicas de educação básica para a formação inicial de professores da educação básica; e d) fortalecer o papel das redes de ensino na formação de futuros professores. (BRASIL, 2020, p. 2)

Pelo que se pode notar nos objetivos do Programa, a ideia é garantir o aperfeiçoamento da formação teórico-prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola pública da Educação Básica, a partir da segunda metade do curso.

Conforme o Edital CAPES/RP nº 01/2020, os projetos institucionais de residência pedagógica teriam a vigência de 18 meses com carga horária total de 414 horas de atividades, organizadas em três módulos de seis meses com carga horária de 138 horas cada módulo (BRASIL, 2020). Cada módulo deveria contemplar atividades como: preparação da equipe, estudo sobre os conteúdos e metodologias de ensino, ambientação na escola, elaboração de planos de aulas e regência com o preceptor da escola campo. Por isso que há viabilidade em solicitar a convalidação das horas do RP para as horas nos estágios em docência do curso, visto o residente realizar tudo que nos estágios também realizaria e ainda com carga horária maior.

A ideia da convalidação das horas do RP para as horas nos estágios em docência está relacionada à origem do RP, a relação direta que ele promove para o residente no seu futuro ambiente de trabalho.

As primeiras discussões sobre residência na área educacional surgem pela proposta do senador Marco Maciel (DEM/PE) inspirado na residência médica em 2007, denominado pelo PLS 227/07 Residência Educacional, teria 800 horas de

carga horária e exigiria certificado de aprovação para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, se tratando de uma modalidade ulterior a formação inicial. Após dois anos foi discutida em audiência pública, mas não progrediu no Congresso Nacional (SILVA; CRUZ, 2018). Em 2012, o Projeto de Lei n.º 284/2012, é apresentado com resgate do projeto anterior, mas com adaptações, como a substituição do termo de Residência Educacional para Residência Pedagógica, mudanças na carga horária, entre outras (FARIA; PEREIRA, 2019).

Faria e Pereira (2019), discorrem sobre a primeira experiência de residência na formação inicial de professores de iniciativa Institucional:

A primeira experiência de *residência* na formação inicial de professores encontrada (cronologicamente anterior às demais) foi no *Programa de Residência Pedagógica* (PRP), implementado desde 2009, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). De acordo com trabalhos que relatam essa experiência, o PRP é um modelo de estágio supervisionado que articula a formação inicial à formação continuada de professores que atuam nas escolas públicas da cidade de Guarulhos que estabeleceram Acordos de Cooperação Técnica com a UNIFESP. (FARIA; PEREIRA, 2019, p. 339)

No edital da CAPES 06/2018 a concepção de RP na formação de professores visava aperfeiçoar a formação por meio do desenvolvimento de projetos e de forma ativa exercitar a relação entre teoria e prática, induzir a reformulação do estágio supervisionado e promover a adequação dos currículos (BRASIL, 2018).

Com isso, vemos que desde as primeiras discussões e ações do RP objetivava promover o aperfeiçoamento da formação docente relacionando a teoria e a prática, e proporcionando ao licenciando participar dos processos de ensino e aprendizagem de forma direta e ativa no campo de trabalho, assim como promover aproximações com os estágios supervisionados e, por essas aproximações de características e objetivos, é possível fazer a convalidação das horas do programa para o estágio.

A estrutura do RP-Pedagogia (2020) em Imperatriz/MA, contou com 10 residentes (8 bolsistas e 2 voluntários), regularmente matriculados em curso de licenciatura e que tinham cursado 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período. O Preceptor, professor da escola de Educação Básica era o responsável por planejar, acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas na

escola-campo. O Docente Orientador, docente da Instituição de Ensino Superior (IES) responsável por planejar e orientar as atividades dos residentes de seu núcleo de RP estabelecendo a relação entre teoria e prática, era uma outra figura importante, agindo quase como um supervisor de estágio. Por último, o Coordenador Institucional que é um docente da IES responsável pela organização, acompanhamento e execução do projeto institucional de RP (BRASIL, 2020).

Toda IES propõe um projeto institucional, no qual consta os subprojetos e seus respectivos núcleos, para desenvolvimento de atividades de residência/docência nas escolas-campo, assim o subprojeto desenvolvido pelo docente orientador do RP-Pedagogia foi *O Letramento Matemático e a Implementação do Documento Curricular do Território Maranhense: o ensino e a aprendizagem da Matemática Escolar e o sujeito da experiência* do núcleo de Alfabetização com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, e depois com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos do subprojeto foram:

Aprofundar a formação de acadêmicos do curso de Pedagogia tendo a unidade teoria e prática como basilar no desenvolvimento pessoal e profissional, com o saber da experiência norteando seu desenvolvimento; Proporcionar formação continuada aos docentes das escolas-campo a partir da temática proposta com foco no processo metodológico interdisciplinar; Acompanhar as práticas educativas de acadêmicos em formação vinculadas às experiências investigativas sobre o letramento matemático. (UFMA, 2020, p. 4)

Como visto, os objetivos do subprojeto visam à formação dos acadêmicos por meio da unidade teoria e prática junto ao saber da experiência, ou seja, são ações indissociáveis para a formação e para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a formação docente. Assim, também tem como objetivo propiciar a formação continuada dos professores que participaram do programa através das formações e ações que o RP-Pedagogia promoveria na sala de aula e fora dela.

Os trabalhos foram realizados no intuito de desenvolvimento do letramento matemático escolar junto à implementação do Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) [MARANHÃO, 2019], e proporcionar a formação dos licenciandos do curso a partir das experiências realizadas durante a regência e formação continuada.

2.4.2 As Formações no RP-Pedagogia

Durante o Programa ocorreram algumas formações que contribuíram com reflexões sobre a formação docente e proporcionaram novas aprendizagens, saberes e práticas com apoio teórico e possibilidades de trabalhos durante a pandemia. Essas formações formam minicursos, webinários, produções de artigos e participações em eventos.

O primeiro minicurso teve como título *A escrita do memorial de formação*, em janeiro de 2021, ministrado pelo professor Dr. Jónata Ferreira de Moura. A proposta do minicurso foi fazer um estudo sobre a escrita de memoriais, discussões acerca da origem e concepção do memorial autobiográfico e a construção de um memorial de formação.

A participação no minicurso foi um momento muito rico que me ajudou na reflexão das minhas experiências durante a trajetória de formação como sujeito e profissional. Este minicurso teve sua carga horária de 60 horas com encontros via *Google Meet*, e fizemos estudos de textos sobre memoriais e, no final, produzimos um memorial de formação.

Um dos textos foi o de Antônio Joaquim Severino intitulado *Memorial*, extraído da obra *Metodologia do Trabalho Científico (1997)*. Para o autor, o memorial é uma autobiografia que se configura em uma narrativa histórica e reflexiva, sob a forma de um relato em que deve contemplar a formação do autor, sintetizando os momentos menos marcantes e desenvolvendo os mais significativos.

Em outros textos discutimos sobre as dúvidas mais frequentes enfrentadas ao escrever um memorial de formação, os significados de trabalhar com a memória e a sua importância, assim como também sobre o ato de narrar nossas experiências no processo de rememoração.

Foi um minicurso muito rico de informações, conversas e reflexões que possibilitaram conhecer melhor sobre o memorial, sobre nós mesmos, nosso processo formativo e os significados que carrega escrever um memorial de formação.

Outra formação foi o curso de extensão *Desafios e possibilidades de alfabetizar letrando*. Foram 11 encontros de muitas aprendizagens, organizados pela professora Dr.^a Cristiane Dias Martins da Costa, da UFMA/Codó. No curso foi

discutida a importância de alfabetizar letrando e como pode ser realizado no ERE com aulas assíncronas e síncronas.

Com isso, foram apresentadas algumas características da alfabetização e do letramento, ressaltando que é um processo que envolve diferentes habilidades e competências a serem desenvolvidas, e que cada estudante tem seu ritmo e tempo de aprendizagem.

Os desafios apontados foram diversos, como quais recursos usar nas construções das aulas, mas o que mais me destacou foi que caminhos seguir para que o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento se realizasse de forma significativa frente a essa nova realidade: o ERE.

Algumas possibilidades foram apresentadas no curso, como o uso dos jogos digitais para criar situações de leituras e escritas que chamem a atenção e interesse das crianças, a utilização das TDIC como recurso, e o uso das metodologias ativas para que o estudante se torne protagonista do seu processo.

Com o ERE é preciso estar atento às dificuldades presentes, pois muitos alunos não conseguiram acompanhar esse modelo de ensino e mesmo os que conseguiam era com muita dificuldade, enfrentando, por exemplo, a instabilidade da internet, assim como as dificuldades que algumas famílias têm de acompanhar o estudante nas aulas.

Outro minicurso foi *O Letramento Matemático Escolar e o Documento Curricular do Território Maranhense: conhecendo e questionando*, ministrado pelo prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura, pela prof.^a Dr.^a Kátia Gabriela Moreira e pelo preceptor prof. Carlos Humberto de Silva de Sousa, que contribuíram nas discussões sobre o ensino da matemática escolar a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [BRASIL, 2017] e do Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) [MARANHÃO, 2019], pontuando algumas possibilidades de aulas de matemática com jogos e uso das tecnologias no ERE.

O primeiro encontro do minicurso foi com o professor Dr. Jónata de Moura com o tema *Conhecendo o Documento Curricular do Território Maranhense, particularmente, o componente curricular matemática: desdobramentos e inquietações*. Iniciou falando sobre as primeiras ideias e versões da Base Nacional Comum Curricular até a última versão de 2017, e da implementação do Documento Curricular do Território Maranhense (MARANHÃO, 2019). Trouxe a discussão sobre o termo maranhensidade como eixo fundamental na construção do currículo e sua

organização no estado do Maranhão, assim como também o componente curricular matemática e as mudanças frente ao documento.

Outro encontro do minicurso foi sobre *O desenvolvimento do pensamento algébrico nos primeiros anos de escolarização: o relato de uma professora-pesquisadora do 1º ano do Ensino Fundamental*, com a prof.^a Dr.^a Kátia Gabriela Moreira, que discorreu sobre suas experiências ensinando álgebra na sala de aula e apresentou algumas atividades realizadas com seus alunos, entre elas as crianças precisaram identificar os padrões de uma dinâmica feita com tampas de garrafas plásticas e outra com palitos e triângulos para a reprodução de uma sequência. Foi muito interessante conhecer como pode ser trabalhado a álgebra de forma simples e divertida com turma de 1º ano do Ensino Fundamental.

O terceiro encontro teve como tema *O letramento matemático escolar articulado com jogos e brincadeiras nos anos iniciais do Ensino Fundamental*, realizado pelo prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura. Neste dia, foi discutido a diferença entre a alfabetização e letramento matemático, debatido sobre as competências matemáticas a serem desenvolvidas e o uso dos jogos como possibilidade de trabalho. Em sequência, foram compartilhados exemplos de jogos para serem utilizados *on-line* ou que podem contribuir com o letramento matemático.

O último encontro do minicurso foi com o prof. Carlos Humberto Silva de Sousa, com o tema *Jogos digitais e a matemática escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: o relato de um professor-pesquisador do 5º ano do Ensino Fundamental*. O professor iniciou relatando os desafios e reflexões acerca do processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia com ERE e apresentou as estratégias que usou nas suas aulas de matemática com jogos digitais e plataformas para interação e envolvimento dos estudantes nas aulas.

Essas formações contribuíram bastante com a minha prática no RP-Pedagogia, com orientações e sugestões de ferramentas e estratégias para as aulas de matemática, além de conhecer mais sobre a matemática escolar e o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) [MARANHÃO, 2019].

Com as formações foi possível aprender e melhorar minhas ações para o ensino durante a pandemia e pós-pandemia, ampliando meu olhar para métodos e metodologias que alcancem os alunos de forma efetiva e significativa no seu processo de formação. Segundo Libâneo (1999, p. 48), a característica da atividade profissional do professor é “[...] a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as

condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre promovendo as condições e os meios [...]”, com as formações conheci meios e caminhos importantes e interessantes para essa mediação, promovendo também minha formação profissional.

Desta maneira, as formações foram para além de conhecer e aprender o que fazer nas aulas de matemática, serviu também para a formação de consciência crítica e reflexiva do processo educacional e conseqüentemente trouxeram novos horizontes e perspectivas para minha formação pessoal e profissional.

2.4.3 Docência no Ensino Remoto Emergencial no RP-Pedagogia

O isolamento social, causado pela pandemia em decorrência do vírus da Covid-19, gerou grandes desafios a serem enfrentados por todos, precisando de novas atitudes e adequações para encarar o confinamento em vários aspectos da nossa vida, e não foi diferente em relação às atividades escolares.

O ERE foi o caminho percorrido para a concretização das atividades do RP-Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIM), durante sua vigência, 2020-2022. As aulas na escola-campo, também se realizaram por meio do ERE, via TDIC.

Depois de algumas formações no início do programa, os residentes foram divididos em duplas para a produção das aulas de matemática. O professor preceptor separou os temas de cada aula para cada dupla e nos instruiu sobre como seriam realizadas e conduzidas às aulas remotas.

As aulas aconteceram pela plataforma Geduc³ e as famílias que não tinham acesso à Internet recebiam as atividades em blocos impressos a cada quinze dias. Cada dupla produzia vídeo aulas explicando o assunto, aulas escritas com textos pequenos e didáticos para melhor compreensão, e uma atividade no final de cada aula para serem postados na plataforma. O Docente Orientador e o preceptor destacaram pontos importantes para as produções das aulas como: não produzir textos e vídeo aulas longos, atentar na linguagem e conteúdo, usar a ludicidade nas produções para não deixar o ensino da matemática cansativo, tendo em vista que as

³ Plataforma que os professores e alunos se conectam para a realização das aulas não presenciais, que o município disponibilizou, é um aplicativo disponível para Smartphones, Tablets, Ipad com sistema Android e IOS adquirido para o retorno das aulas.

crianças têm outras disciplinas *on-line*, assim como também ter atenção nas condições socioeconômicas das famílias, pois muitas não têm computador em casa ou às vezes só têm um aparelho celular para todos da família, ou a Internet não atendia a necessidade para as realizações das atividades.

Assim, começaram os desafios dos residentes em produzir as aulas de forma clara, objetiva e seguindo as recomendações dos professores. Nas produções dos textos procuramos uma linguagem de fácil compreensão, utilizamos exemplos do dia a dia (usávamos os nomes dos alunos nos exemplos, nome da escola, do bairro para aproximá-los e chamar a atenção para o texto) e imagens para ajudar na compreensão.

A produção das vídeo aulas também se tornou desafiadora por não termos habilidades com equipamentos, plataformas e edições de vídeos. Tínhamos de manter o distanciamento social e ao mesmo tempo produzir um material de qualidade e que contribuísse com a aprendizagem dos alunos.

Com o tempo, os vídeos para as aulas foram melhorando a cada produção. A primeira aula que fizemos (eu e minha dupla) não tínhamos um lugar certo ou específico em casa para essas produções, e isso nos deixou receosas em fazer um vídeo com a nossa imagem, então decidimos produzir *slides* com áudios explicando cada um e convertemos em vídeo pela plataforma gratuita de desenho gráfico *Canva*, e com o andar das aulas fomos aprimorando nossas práticas.

Nossa primeira aula foi sobre a Reta Numérica, Números do cotidiano, Números Pares/ Ímpares e Antecessor/ Sucessor. Como era a primeira, ficamos cheias de dúvidas de como faríamos com quatro temas em uma aula e que as crianças não se confundissem. Por isso decidimos dividir Reta Numérica e Números do cotidiano em um vídeo e Números pares/ímpares e sucesso/antecessor em outro. O texto escrito foi um só com os principais conceitos e exemplos do dia a dia, e uma atividade de múltipla escolha.

Imagem 6: Texto da aula Números do Cotidiano e Reta Numérica



Fonte: Arquivo pessoal

Ao finalizarmos as produções, o orientador e o preceptor revisavam as aulas, depois foi gerado um *link* no Drive do professor preceptor e postado na plataforma Geduc para os alunos acessarem. As vídeo aulas eram postadas também no WhatsApp⁴ da turma e no canal do YouTube⁵ do professor preceptor para facilitar o acesso. Alguns meses depois as aulas passaram a ser transmitidas pelo canal aberto da prefeitura de Imperatriz/MA, TVeducaltZ, 7.2.⁶

Como havia registrado, no começo não sabíamos o que daria certo ou não na produção das vídeo aulas, mas fomos quebrando barreiras da timidez e inexperiência com produção e edição de vídeos, e ver seu trabalho ser veiculado em canal aberto foi muito emocionante e gratificante.

A segunda aula que produzimos foi sobre *Operações Inversas: adição e subtração/ multiplicação e divisão*. Fizemos um texto explicando o que era e como podia ser realizada as operações, com exemplos do dia a dia. Fizemos uma atividade para ser respondida na plataforma, e na vídeo aula foram feitos *slides* na plataforma *on-line Canva* e uma apresentação explicando cada *slide*, depois convertido em vídeo e compartilhado com a turma.

⁴ O WhatsApp é uma interface de comunicação criada por Jan Koum e Brian Acton, em 2009, chegando a registrar bilhões de usuários em nível global depois que foi vendida para o Facebook (BOTTENTUIT JUNIOR, ALBUQUERQUE, COUTINHO, 2016), e contribuiu muito nas nossas interações com os alunos.

⁵ Para acessar as vídeo aulas, basta entrar no canal <https://www.youtube.com/@carloshumberto8876>.

⁶ TV Educaltz tem programação educativa, via canal 7.2, foi criada pela prefeitura de Imperatriz/MA para auxiliar no processo educacional do município.

Imagem 7: Vídeo aula Operações Inversas

Operação Inversa da Multiplicação:

Mariana vai ao cinema com três amigas da escola. Sua mãe comprou os 4 ingressos antecipados e no total ela gastou R\$ 36,00. Quanto cada uma das amigas da Mariana vai ter que dar para a mãe dela pelo ingresso ?

Deve-se dividir o valor total dos ingressos pela quantidade de pessoas que irão ao cinema. (Mariana e suas três amigas)

Mariana utilizou divisão (sua operação inversa) para efetuar a multiplicação.

Fonte: Arquivo pessoal

Nesta aula, ainda estávamos com receio de fazer um vídeo com a nossa imagem e como sabíamos que ia para o Canal do YouTube do professor preceptor ficamos com mais receio, mas conversando decidimos fazer.

Entendo que a produção de vídeo aulas foi fundamental para minha aprendizagem e para meu processo de formação, assim como também ajudou os alunos na compreensão e aprendizagens nas aulas de matemática. Sobre a utilização de vídeos aulas pelos alunos, de acordo com Leal Junior et. al. (2018, p. 46):

[...] permite ao expectador rever as videoaulas quantas vezes for necessário para que se consiga, de fato, compreender o que lhe está sendo pedido e quais conhecimentos prévios serão necessários para desenvolver sua resolução. Isso potencializará uma aprendizagem que lhe seja, acima de tudo, significativa.

A facilidade do acesso aos vídeos, às possibilidades de rever quando quiser e pausá-los quando precisar contribui na compreensão dos conceitos e resolução das atividades propostas favorecendo a aprendizagem de forma dinâmica e atrativa. Com isso, na tentativa de despertar o interesse dos alunos para as vídeo aulas utilizamos recursos como tabelas, animações e imagens para os exemplos, na busca de favorecer a compreensão e aprendizagem do assunto proposto.

As produções dos vídeos também possibilitaram o desenvolvimento de algumas habilidades a partir das gravações, como a criação de materiais e conteúdos usados em estratégias para que os vídeos chamassem a atenção dos

alunos para as aulas de matemática, aguçando minha criatividade, o uso das tecnologias, organização e planejamento didático.

Ainda sobre a aula *Operações Inversas*, na primeira parte do vídeo, explicamos sobre como ações inversas podem ser encontradas facilmente no nosso dia a dia, como o abrir é uma ação inversa do fechar uma porta. Depois explicamos sobre a operação inversa da adição e subtração através de exemplos de cálculos e como podemos fazer para identificar cada uma. Na explicação da operação inversa da multiplicação e divisão foi utilizado exemplos do dia a dia, como mostrado na imagem 7.

Pensamos em trazer vários exemplos de como podemos utilizar as operações inversas não só para responder problemas matemáticos nas atividades, mas também perceber que a matemática está em nossa volta e nas ações que fazemos no cotidiano. Entendemos como Sobrinha e Santos (2016, p. 52) que:

Ensinar matemática é estimular o desenvolvimento do raciocínio lógico e a vivência de situações que despertem a curiosidade e o interesse em buscar respostas às indagações dos alunos e que contribuam para superação da conceituação de que os conteúdos matemáticos são de difícil compreensão.

Quando as aulas eram postadas na plataforma, ficávamos à disposição do aluno, no WhatsApp, para tirar dúvidas da aula e atividade, assim fazíamos o acompanhamento de perto mantendo contato. Também corrigíamos as atividades feitas e aproveitávamos para explicar mais sobre o assunto enviando mais explicações através de mais textos, vídeos, fotos, áudios para ajudar na compreensão. Tudo realizado via WhatsApp individual de cada um.

Uma das dificuldades de trabalhar no ERE foi o contato com os alunos, pois alguns respondiam as mensagens pelo WhatsApp, mas outros não, às vezes quando respondiam eram em outros horários ou dias diferentes das aulas. As dificuldades com os horários estão geralmente relacionadas à falta de alguém da família para o acompanhamento na hora das aulas, pois muitos pais trabalhavam o dia todo e não conseguiam estar presente e acabavam deixando para outro horário.

Outra dificuldade que tivemos para manter a interação com o aluno foi que algumas famílias tinham apenas um aparelho celular para todos da casa, ou às vezes a Internet não atendia as necessidades para as realizações das atividades o que acabava dificultando a interação e o acompanhamento proposto.

Isso é o tamanho do problema social que nosso país vive. A pandemia escancarou as mazelas sociais do Brasil, mostrando a distância que há entre os mais ricos, os pobres e miseráveis do nosso país, entre brancos e pretos, quem mora na zona urbana e rural.

Uma pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pela Fundação Lemann, Itaú Social e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), publicada no *site* da Fundação Lemann em junho de 2021, aponta os efeitos preocupantes sobre educação e a desigualdade em diferentes esferas da sociedade são aprofundadas na pandemia:

[...] enquanto 43% dos estudantes negros estão no grupo de risco de abandonar a escola, esse número cai para 35% entre os brancos. Em relação às diferenças socioeconômicas, o problema afeta quase metade dos estudantes das famílias que vivem com apenas um salário mínimo, em contraste com os 31% daquelas com renda entre dois e cinco salários mínimos. O risco é ainda maior nas áreas rurais (51%) do que nas urbanas (39%) e incide mais na região Nordeste (50%) do que na região Sul (31%). (FUNDAÇÃO LEMANN, 2021, s/p.)

O isolamento social devido à pandemia aumentou ainda mais as discrepâncias que já existiam na nossa sociedade, evidenciando as desigualdades sociais, raciais, regionais entre outras. Muitas famílias perderam suas rendas, seus empregos e consequentemente a renda de toda a família. A casa passou a ficar mais cheia, com todos confinados, assim aumentando as despesas e as dificuldades de mantê-las sem recursos mínimos e essenciais.

Com isso, em muitas dessas famílias as crianças ficaram de fora das aulas pela falta de recursos como internet, celular ou computador para participar das aulas. Algumas escolas usaram estratégias como entregar as atividades em blocos impressos para as famílias, como foi o caso da escola-campo que o RP-Pedagogia se desenvolveu, e outras instituições entregaram *chips* com dados móveis para os alunos participarem das aulas remotas, mas infelizmente em muitos casos não foi o suficiente para evitar a evasão escolar.

Se por um lado havia alunos com essas dificuldades para responder e interagir pelo aplicativo, por outro havia os estudantes que retornavam as mensagens, tiravam as dúvidas sobre as atividades ou sobre o assunto tratado.

A turma que participou do RP-Pedagogia durante a pandemia era do 5º ano do Ensino Fundamental e de acordo com os dados que o professor nos passou na

sua sala tinha 36 alunos. Dos 36 alunos, 2 fizeram a matrícula, mas não entregaram a documentação e não apareciam no sistema, 4 alunos sumiram da plataforma (responderam algumas atividades e depois pararam) e não respondiam no WhatsApp, 10 alunos não tinham celular, computador ou internet, esses recebiam as atividades em blocos pela escola, ou seja, somente 20 alunos participavam das aulas remotas.

As atividades que eram entregues em blocos tinham os textos e atividades que fazíamos para a plataforma, a escola imprimia os materiais de todas as disciplinas e montavam blocos de atividades e a cada quinze dias as famílias pegavam e devolviam as que tinham feitas.

Em relação aos alunos que sumiram da plataforma, o diretor com alguns professores da escola-campo, fizeram buscas pelo bairro e nos endereços dos alunos, os quais foram orientados a voltar às aulas pela plataforma ou colocar o nome na lista para receber as atividades em blocos.

A evasão e o abandono escolar sempre estiveram presentes nas escolas por vários motivos, não tem uma razão ou definição única e acabada, o problema não é só a falta de vinculação às políticas públicas, ou da desestruturação familiar ou ainda as dificuldades dos educandos, e sim a soma de vários fatores (FILHO; ARAÚJO, 2017). Com a pandemia teve um aumento significativo, como mostra na pesquisa da Fundação Lemann (2021): “40% dos estudantes de 6 a 18 anos não estão evoluindo na aprendizagem, não estão motivados e admitem que podem abandonar os estudos” diante disso, é preciso debater e desenvolver políticas e ações em conjunto pela busca de soluções para o acabar com o abandono e evasão escolar.

Durante a pandemia as TDIC foram fundamentais para a continuação das atividades escolares na construção de ambientes de ensino e aprendizagem, e nas relações durante as aulas, assim como também para novas práticas. A utilização das TDIC favorece o processo de ensino e aprendizagem, Arruda (2012, p. 36) enfatiza que:

O processo de ensino e aprendizagem pode ser amplamente beneficiado com a utilização das tecnologias, que são potentes catalizadoras deste processo. O docente, de posse delas, poderá: ampliar o seu repertório de como ensinar, as suas estratégias, repensar as abordagens pedagógicas usadas e criar novas e desafiadoras situações de aprendizagens. Por outro lado, o aluno poderia: variar o ritmo de sua aprendizagem, melhorar seu

desempenho com relação à apropriação dos conhecimentos, alterar sua disponibilidade e sua relação com o processo de aprendizagem (até mesmo na sua interação com o docente) e desenvolver-se de maneira mais completa para enfrentar os obstáculos e incertezas do mundo do trabalho.

Assim, as aprendizagens e desenvolvimentos de habilidades se realizaram para ambos, pois mesmo tendo as TDIC presente em nossas vidas já algum tempo, não utilizávamos com tanta frequência e com tanta necessidade como foi exigido na educação escolar durante a pandemia.

A BNCC (BRASIL, 2017), já mencionava o uso das TDIC pelos docentes, mas para a inserção delas nas escolas é preciso, segundo Sousa, Silva e Moura (2020, p.192) “ser analisado cuidadosamente, pois vai desde a implementação e cumprimento de políticas públicas educacionais, que de fato efetivem sua implantação e utilização, passando pela formação de professores, chegando aos espaços escolares.”. Desta maneira, para a implantação e usos das TDIC nas escolas é necessária formação para os profissionais da educação e política de financiamento e assessoramento.

Outra aula produzida foi sobre *Ideias de uma Fração e Termos e Leituras de uma Fração*. Com o tema de fração fizemos duas aulas, uma com as ideias de fração e outra com os termos e leituras de uma fração. Para as duas aulas seguimos o mesmo esquema de produção de texto, vídeos e uma atividade.

Imagem 8: Foto da vídeo aula Ideia de fração



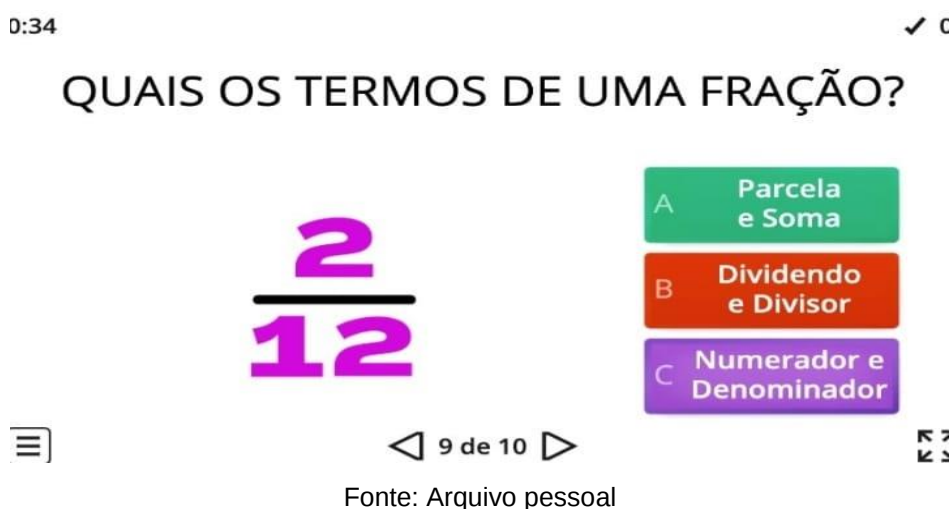
Fonte: Arquivo pessoal

Além das produções para serem postadas na plataforma também produzimos um *Quiz* com perguntas e respostas sobre as representações, termos e leituras de uma fração na plataforma *WordWall*.

Essa plataforma possibilita a criação de vários jogos como *Quiz*, *Quebra-Cabeça*, *Caça-palavras* entre outros e sobre o tema que preferir. Os jogos produzidos podem ser acessados por qualquer dispositivo habilitado para a Web. Quem produz o jogo tem acesso ao desempenho de cada jogador, assim o professor pode saber quem fez ou não, e como se saiu cada aluno. Esse jogo tem um ranque no final de cada jogada com o nome, pontuação e tempo de cada jogador, e pode repetir quantas vezes quiser, melhorando seu desempenho.

Esse Quiz tinha 10 perguntas (Quais são os termos de uma fração?, por exemplo) como na imagem abaixo, e perguntamos também com representações em círculos e pizzas qual era a fração correspondente. A seguir podemos visualizar, na imagem 9, uma foto do jogo.

Imagem 9: Foto de uma das perguntas do Quiz



Diante dos comentários realizados no grupo de WhatsApp da turma, pela empolgação dos estudantes e pelo relatório que a plataforma disponibiliza, a quantidade de vezes que cada aluno participava em busca de melhorar sua pontuação, que a utilização do jogo na aula foi produtiva, pois despertou o interesse das crianças no assunto.

Com o jogo foi possível promover caminhos para a compreensão das ideias, termos e leituras da fração, proposta nesta aula; brincando e de forma prazerosa

junto à aula escrita e vídeo aula os alunos aprenderam. Para Sobrinha e Santos (2016, p. 55), “Um dos aspectos relevantes nos jogos é o fato de provocarem nos alunos um desafio genuíno, gerando ao mesmo tempo mais interesse e prazer pela disciplina”, e assim aconteceu com essa aula, os alunos jogaram muitas vezes e conseguiram ter um bom desempenho na atividade proposta na plataforma.

Utilizar jogos como estratégia de ensino e aprendizagem, segundo Macêdo, Souza e Pereira (2021, p. 112),

[...] é um recurso pedagógico que proporciona ótimos resultados, pois permite ao aluno ampliar seus meios de resolver problemas, instigando a sua criatividade e o motiva, fazendo com o que se consiga dar significado aos conteúdos propostos.

Desta forma, entendo que o jogo chamaria a atenção dos alunos, estimulando-os a participar, e assim auxiliaria no ensino do conteúdo proposto ao incentivar o interesse dos alunos pela temática através dos jogos.

Todas as aulas foram fundamentadas pela BNCC (BRASIL, 2017), pelo DCTMA (MARANHÃO, 2019) e com o suporte de livros didáticos da área de matemática, visando o desenvolvimento das habilidades e competências previstas nos documentos.

O RP-Pedagogia me proporcionou vivenciar momentos únicos e aprender novas práticas e olhares em um cenário totalmente atípico ao participar do processo educativo da turma a qual acompanhávamos, desenvolvendo atividades que contribuíram com minha formação.

2.4.4 Docência no Ensino Presencial pós-Pandemia no RP-Pedagogia

Com o aumento do número de pessoas vacinadas e os casos de contaminação e mortes diminuindo, as aulas presenciais puderam voltar com algumas medidas de proteção, como o uso obrigatório de máscara, higienização das mãos, entre outras, para evitar o vírus da Covid-19.

Em fevereiro de 2022, o ano letivo do município de Imperatriz/MA, iniciou-se de forma presencial. Houve algumas mudanças no RP-Pedagogia, o professor preceptor que nos acompanhava na escola-campo, mudou de escola, e assim mudamos de preceptor e turma, passando agora a realizar os trabalhos com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

Conhecemos a professora preceptora, passamos a organizar e planejar aulas para a alfabetização e o letramento da Língua Portuguesa, pois de acordo com a escola esse era o foco nos primeiros meses das aulas presenciais, porque a escola estava desenvolvendo um projeto chamado Escola Leitora.

Sobre o processo de alfabetização, de acordo com a BNCC (2017), é nos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental que se espera que a criança seja alfabetizada, assim é preciso que conheçam o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura e os processos que envolvem o desenvolvimento da consciência fonológica. Esse era um dos motivos que a escola queria que todas as turmas focassem no referido projeto. Assim fizemos e descobrimos várias coisas, dentre elas a importância do convívio presencial.

O convívio com o outro, as trocas, as conversas e experiências são essenciais para o desenvolvimento coletivo e individual. Assim, no processo de ensino e aprendizagem não é diferente, é preciso das interações com o outro, pois não se aprende somente com o professor, ainda mais de modo remotamente, mas com os pares e em diferentes momentos e lugares.

Para a construção do conhecimento, o convívio na escola se torna importante, pois para além das aprendizagens de disciplinas, perpassa a formação humana através das relações e interações feitas no ambiente escolar. Com essa ideia em mente demos início as observações para conhecermos melhor a turma.

Os primeiros dias foram de observações e acompanhamento da nova turma nas aulas de Português e Educação Física. De acordo com a professora, em todas as suas aulas, independente da disciplina, se inicia com uma contação de história, faz-se algumas perguntas e interação com as crianças sobre o texto, só depois é feita a introdução do assunto a ser trabalhado no dia, para incentivar o hábito de leitura.

Nos dias de observações foi possível perceber que a maioria das crianças ainda não escreviam seus nomes sozinhos, precisando da ajuda de uma cópia ou alguém auxiliando, com isso, em todas as atividades escritas dávamos um tempo para que todos escrevessem seus nomes e os que não conseguiam sozinhos auxiliávamos. Os estudantes também identificavam poucas letras do alfabeto.

Os residentes foram distribuídos em diferentes dias da semana. A preceptora pediu para que cada dupla desenvolvesse uma sequência didática. Com isso, eu e minha dupla, planejamos o gênero textual *Receita*. A sequência didática nos

possibilitou organizar atividades que proporcionaram aos alunos o desenvolvimento de habilidades com a leitura e a escrita.

Mendonça (2007), discorre sobre a relação entre gêneros e letramento, e pontua que os gêneros se definem pelos seus propósitos comunicativos e não por sua forma linguística, que eles são maleáveis e apresentam elasticidade, pois para se adaptar às necessidades humanas mudam sua forma diante dos eventos de letramento.

Em relação ao letramento, Mendonça (2007) destaca que um dos seus princípios é a não desvinculação da aquisição da escrita das práticas sociais, e que temos propósitos comunicativos guiados por meios interacionais em busca de objetivos, inseridos em comunicações, assim para alcançar esses objetivos faz-se uso dos gêneros. Assim, o letramento e os gêneros textuais são indissociáveis nos trabalhos realizados pela escola pois;

[...] não se pode falar em gêneros sem considerar os processos de letramento; não se pode falar em letramento sem considerar os gêneros. Por isso, se a inserção no mundo da escrita passa pelo domínio das formas de interação, mediadas pelos gêneros, o trabalho com gêneros na escola pode ser um dos eixos do ensino voltado à formação para a cidadania, inclusiva e crítica por definição. (MENDONÇA, 2007, p. 55)

Neste sentido, entendo a importância do trabalho dos gêneros na escola, visto que, eles estão em todos os períodos da vida e formação do sujeito, e como a Mendonça (2007) disse são imanentes ao letramento. Desta forma, “A escola, entendida, no nosso contexto sociocultural, como a principal agência do letramento, tem por objetivo maior ampliar as experiências de letramento dos alunos [...]” (MENDONÇA, 2007, p. 49).

Neste sentido, uma *Receita* também é uma forma de se comunicar e transmitir uma mensagem, como o de preparar algo descrevendo o passo a passo, quantidades e modos de preparo (MENDONÇA, 2007). Assim, as crianças conheceram esse gênero textual desenvolvendo a leitura e escrita.

A sequência preparada foi pensada para ser desenvolvida em três dias. No primeiro dia foi feita a leitura do texto *Caldeirão da bruxa* da autora Roseana Murray (2008), no final questionamos sobre o que entenderam do texto, se eles conheciam alguma receita e se já viram alguém fazendo uma, entre outras perguntas. Depois, com o texto em um cartaz, apresentamos a estrutura da receita com título e corpo.

Para a atividade entregamos uma receita de salada de frutas faltando os nomes de frutas e para completar fizemos um ditado com as letras dos nomes das frutas, assim, quando anunciávamos uma letra dávamos um tempo para que escrevessem e depois escrevíamos no quadro para aqueles que não conheciam a letra, sempre frisando o nome e som de cada uma até completar a receita.

Imagem 10: Atividade da receita

SALADA DE FRUTA

INGREDIENTES:

M A M A O
M A Ç A
A B A C A X I
M A M A O
B A N A N A
L E I T E C O N D E N S A D O
R E M E D O D E L E I T E

MODO DE PREPARO:

1. LAVE BEM AS FRUTAS.
2. RETIRE TODAS AS CASCAS E SEMENTES.
3. CORTE O ABACAXI EM CUBOS. AS MAÇÃS EM QUADRADINHOS.
4. CORTE AS BANANAS EM RODELAS UM POUCO MAIS GROSSAS.
5. FATIE O MAMÃO E CORTE EM CUBOS SEM CASCA E SEMENTES.
6. COLOQUE TODAS AS FRUTAS EM UMA TIGELA GRANDE.
7. ACRESCENTE O LEITE CONDENSADO E O CREME DE LEITE E MEXA LEVEMENTE, PARA NÃO DESMANCHAR AS FRUTAS.
8. DEIXE NA GELADEIRA POR 1 HORA.
9. SIRVA AINDA GELADINHA!

Fonte: Material produzido no RP-Pedagogia 2020-2022

No segundo dia fizemos a leitura do texto *O Segredo da Felicidade-Conto Indiano* de Cris Pitanga [s.d.], que fala sobre o que é preciso para encontrar a felicidade. Conversamos sobre o texto e sua mensagem. Depois revisamos o que foi realizado na aula passada sobre o que é uma receita, para que serve, sobre sua estrutura e os diferentes tipos de receitas.

Em seguida construímos no quadro uma receita da felicidade, com os nomes que eles disseram que seriam ingredientes para alcançar a felicidade. A cada palavra que as crianças diziam, escrevíamos no quadro e liamos com eles letras por letras. Ao terminar entregamos uma folha A4 branca para que escrevessem a receita contida no quadro, exercitando a escrita. Depois pedimos para desenharem na mesma folha o que eles faziam no dia a dia que os deixavam cheios de felicidade.

Imagem 11: Atividade de um dos alunos



Fonte: Material produzido no Programa- RP 2020-2022

Na atividade acima, o aluno escreveu o que foi conversado e sugerido pela turma no quadro e no desenho. Ele o desenhou soltando uma pipa em um dia de sol, perto da natureza e provavelmente da sua casa, assim expressando, da sua forma, o que é e o que lhe traz felicidade. De acordo com Oliveira (2014, p. 13) “Através do desenho as crianças podem desenvolver sua auto expressão, fazendo com que cresça como um cidadão de opinião própria e que possa interferir com suas ideias [...]”. Além de ser uma atividade de aprendizado e desenvolvimento, a criança pode manifestar suas vontades e sentimentos de forma divertida e prazerosa.

Na terceira aula da sequência didática, produzimos a receita da salada de frutas na sala de aula. Pedimos para que lembrassem e dissessem o que tinha na receita da salada que trabalhamos na aula anterior. Por fim, levamos as frutas cortadas e montamos na sala de aula a salada de frutas, e todos puderam participar e degustar.

Diante dessa sequência, as crianças puderam conhecer e explorar o gênero textual *Receita* e conhecer sua estrutura, além de praticar a leitura e escrita das letras do alfabeto. Esta foi a primeira vez que ministrei uma aula presencial e apesar do nervosismo e timidez gostei bastante de estar presente na sala de aula, conversando e contribuindo com o processo de aprendizagem das crianças.

Nessa experiência posso dizer que aprendi a interagir mais com as crianças, ter mais segurança em falar com elas e planejar, organizar as aulas com foco nas necessidades que as crianças apresentaram. Durante as observações percebi que ainda havia muitas crianças que não conheciam a maioria das letras do alfabeto e nessa sequência buscamos trabalhar a leitura e escritas das letras partindo do estudo do gênero *Receita*.

As dificuldades encontradas na realização dessa sequência foram muitas, desde como chamar a atenção de crianças entre 6 e 7 anos de idade para o gênero que íamos trabalhar, sem deixar de contar uma história no início das aulas e sem quebrar a rotina da professora-preceptora.

Outra dificuldade foi conseguir lidar com uma turma de 39 alunos em uma sala pequena e atender as dúvidas, pois era difícil enquanto conversava com um, outros alunos levantavam para ir ao colega, pediam para ir ao banheiro, para beber água, e quando pensávamos que não, estavam distraídos com outras coisas e isso me deixava com receio de não ter o tal domínio da sala.

Em conversas com a preceptora, esse movimento dos alunos na sala de aula faz parte do seu processo do desenvolvimento, do convívio e de estabelecer relações, até porque eles estavam no 1º ano do Ensino Fundamental e os seus primeiros anos escolares foram durante a pandemia.

Mesmo assim, fiquei apreensiva de não está sabendo gerir a situação, mas acredito também que possa ser um conjunto de tudo, até porque era a minha primeira participação como docente numa sala de aula e juntou com a novidade do ambiente do ensino presencial para os alunos, pois muitos iniciaram no ensino remoto. Contudo, toda essa experiência me ajudou a amadurecer e me sentir mais confiante nos momentos de interação com a turma.

Para o encerramento das aulas do RP-Pedagogia na escola, foi realizado um Piquenique Literário no Dia Nacional do Livro Infantil. Levamos as crianças para o pátio da escola, forramos o chão, colocamos livros com histórias infantis ao redor e levamos materiais para produção de dedoches.

Só para lembrar, a data que foi escolhida para comemorar o Dia Nacional do Livro Infantil é em homenagem ao escritor Monteiro Lobato que nasceu no dia 18 de abril de 1882, que é considerado o pai da literatura infantil brasileira (SOUZA, 2021). Momento esse importante para celebrar e exaltar a importância da literatura voltada para crianças.

Iniciamos falando sobre o Dia Nacional do Livro Infantil e da importância do livro, dos cuidados que precisamos ter com o livro, o porquê da data, assim conhecerem mais sobre esse dia e sobre o livro infantil. Colocamos livros em volta das crianças e pedimos que cada uma pegasse um livro para que explorassem e lessem da sua maneira as histórias e compartilhassem com um colega as aventuras do livro que pegou, como pode ser visualizado na imagem abaixo:

Imagem 12: Momento que as crianças estão explorando os livros



Fonte: Arquivo pessoal

Depois da socialização das histórias feitas por eles, falamos sobre a obra de Monteiro Lobato *O Sítio do Pica Pau Amarelo* e apresentamos os personagens principais da obra, depois fizemos brincadeiras sorteando perguntas sobre os personagens e quem ia responder.

Logo após, propomos para cada um produzir dedoches com os personagens Emília e o Visconde de Sabugosa. Para esse momento levamos os desenhos impressos e eles pintaram, cortaram e colaram, reservamos alguns minutos para eles interagirem com as produções. O uso dos dedoches foi importante porque eles são fantoches manipulados com os dedos, que auxiliam no desenvolvimento da coordenação motora, criatividade e socialização das crianças. Após esse momento, encerramos o Piquenique Literário com a entrega de lembrancinhas e com o lanche.

Imagem 13: Lembrancinhas e os dedoches que as crianças produziram



Fonte: Arquivo pessoal

O dia do piquenique foi muito significativo, desde sair da sala para fazer algo diferente, a exploração dos livros, a leitura da obra e as interações. Conseguir organizar e realizar esse momento foi muito importante e difícil também, pois em um ambiente aberto às crianças podem ficar mais dispersas, querem sair, levantar, a conversa aumenta... Ter que organizar o ambiente e conseguir a atenção delas não foi fácil, mas foi um processo em que pude aprender bastante.

As aulas presenciais foram de grande relevância para minha formação, assim pude vivenciar momentos únicos e marcantes carregados de significados que enriqueceram meu processo como docente.

O RP-Pedagogia se tornou peça importante na minha formação, pois com a pandemia os estágios foram readequados para atividades *on-line* devido ao isolamento social, com isso vejo que se não fosse o RP-Pedagogia não teria passado pela experiência em campo e participado das formações que contribuíram nessa caminhada rumo à formação.

O RP-Pedagogia foi, como nos dizeres de Paulo Freire (1996, p. 47) que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” e assim, o programa me proporcionou com apoio dos professores, escola, universidade e alunos a produção de conhecimentos mediante o desenvolvimento das minhas ações.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DO RP-PEDAGOGIA NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

As contribuições do RP-Pedagogia na minha formação são diversas e plurais, pois vão desde as relações estabelecidas entre teoria e prática, os pares, espaço e a construção da identidade docente, que propiciaram com que pudesse compreender o papel docente mediante a reflexão crítica da prática.

Neste capítulo faço uma análise de como foi minha participação frente aos desafios do ERE e pós-pandemia, as contribuições da imersão na escola-campo para minha formação através do RP-Pedagogia, assim como também trago as superações durante o processo.

3.1 O Ensino Remoto Emergencial e as Habilidades Desenvolvidas

As ações do RP-Pedagogia oportunizaram aos acadêmicos desenvolvimento de novas aprendizagens e habilidades. Foi fundamental para o processo de formação, pois proporcionou experiências incríveis e desafiadoras no ERE e nas aulas presenciais, contribuindo com minha formação, relacionando teoria e prática, e demais conhecimentos adquiridos durante o curso.

Sobre a relação teoria e prática Pacheco, Barbosa e Fernandes (2017, p. 334), afirmam que:

A teoria é a forma como o conhecimento se apresenta articulando-se sistematicamente em graus e especificidades, disposto a explicar ou ilustrar ações práticas; enquanto a prática é a constituição da teoria, formulada em ações concretas, podendo ser modificada e modificar as teorias. Considerando esse contexto, fica evidente que ambas se entrelaçam e que a desvinculação destas fragiliza o processo de aprendizagem do sujeito.

Nesse sentido, o programa me proporcionou vivenciar a relação teoria e prática imersa no ambiente escolar, enfrentando os mesmos desafios e dificuldades dos professores, com aulas e demandas frente à pandemia e depois dela, relacionando minhas aprendizagens no curso e nas formações do RP-Pedagogia com a realidade da escola e dos alunos, para o desenvolvimento das nossas atividades.

Como já mencionado, em Imperatriz/MA, as aulas nas escolas públicas aconteceram de forma remota com uma plataforma virtual disponibilizada pelo

município, com auxílio de outros recursos digitais e a TV aberta. Assim, os educadores precisaram se adaptar e adotar novas práticas para aulas *on-line* e os alunos passaram a vivenciar novas formas de aprender.

Com isso, a proposta do preceptor e orientador do RP-Pedagogia foi que construíssemos os próprios materiais para as aulas de matemática e acompanhássemos todo o processo que o aluno percorreria desde o acesso à plataforma, aos textos, as vídeo aulas e atividades, auxiliando nesse percurso. Tudo isso foi essencial para o desenvolvimento de habilidades com as TDIC, criatividade, organização didática, além de proporcionar a reflexão e pensamento crítico dos residentes.

Para as produções das aulas foi necessário planejamento semanal e discussões de como faríamos para que o conteúdo chegasse aos alunos de forma simples e de fácil compreensão, e que estivesse ao seu alcance sempre que fosse preciso assistir os vídeos e ler os textos.

Assim, proporcionando o entendimento do planejamento para além dos objetivos e conteúdos, compreendi que deveria ser levado em consideração pontos importantes como o contexto do estudante, as condições da família, seus saberes prévios, entre outros aspectos, e assim trabalhar com metodologias que atendessem o processo de aprendizagem, mesmo durante a pandemia, buscando superar os desafios.

De acordo com Libâneo (1999, p. 246), “O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”, com isso deve ser considerada a realidade social na qual o aluno está inserido e suas condições individuais.

Para as aulas de matemática ficamos, eu e minha dupla, com os temas: Números do cotidiano e Reta Numérica; Antecessor/Sucessor, Números pares e ímpares; Operações Inversas: Adição/Subtração e Multiplicação/ Divisão; e Ideia de uma fração; Termos e leituras de uma fração.

A disciplina de matemática nunca foi meu forte, sempre tive dificuldade com ela, assim, quando recebia os temas que iria trabalhar a primeira coisa que penso foi que precisaria estudar, lembrá-los e tentar me apropriar deles, principalmente buscar qual a melhor forma de como apresentar os textos e os vídeos para os alunos aprenderem e compreenderem o assunto tratado em cada aula no ERE.

Os primeiros temas, quando olhei, pensei logo que era um tema bom e fácil para trabalhar, mas veio as indagações: Como abordar esses assuntos *on-line*? Através de um texto, um vídeo, sem interação com o aluno, será que a forma que abordaria, seria compreensível para os alunos? Quando estamos em sala de aula e o aluno não entendeu algo usamos exemplos, podemos mudar a abordagem, propor atividades práticas, mas fora dela, nos víamos sem saber qual a abordagem poderia dar certo ou não, pois os vídeos deveriam ser breves e um texto não muito grande para não ficar maçante e cansativo, pois não estaríamos presentes quando o aluno fosse estudar.

Com isso, buscamos, primeiramente, lembrar e nos inteirar de cada tema e depois estudamos como iríamos fazer o texto e os vídeos de uma forma que chamassem a atenção dos alunos para o conteúdo trabalhado e alcançassem os objetivos propostos para cada tema trabalhado.

Assim, para a produção dos textos, utilizamos materiais e ideias de livros didáticos, *sites*, vídeos, artigos sobre os temas, sobre abordagens e metodologias para deixarmos o material mais dinâmico possível, fomos seguindo as orientações que lembrávamos de quando estudamos as disciplinas Didática e Fundamentos e Metodologia de Ensino de Matemática no curso de Pedagogia. Desta forma, em alguns dos textos iniciávamos contextualizando o tema da aula com o cotidiano, em seguida trazíamos o conceito e mais exemplos. Em outros textos iniciávamos com o conceito e trazíamos exemplos no decorrer do texto acompanhados de imagens para facilitar a compreensão e a aprendizagem das crianças.

Na aula sobre *Números Pares e Ímpares*, fizemos assim: iniciamos como poderíamos identificá-los no dia a dia, e utilizamos alguns exemplos. Desta forma, os textos não ficavam longos e nem com muitos conceitos para não dar exaustão e cansaço nos alunos devido também terem outros textos das demais disciplinas.

Imagem 14: Texto da aula Números pares e ímpares

NÚMEROS PARES

O número **par** é aquele que pode ser agrupado de **dois a dois** sem sobrar nada. Por exemplo: ao agrupar a quantidade de elementos de um conjunto de 4 elementos, teremos um grupo de dois, outro de dois e não há resto. Todos os números terminados em **0, 2, 4, 6 e 8** são **pares**, os números pares, quando divididos por 2, não deixam resto. Olhe os exemplos:

Vamos ver outros exemplos de números pares?

Fonte: Arquivo pessoal

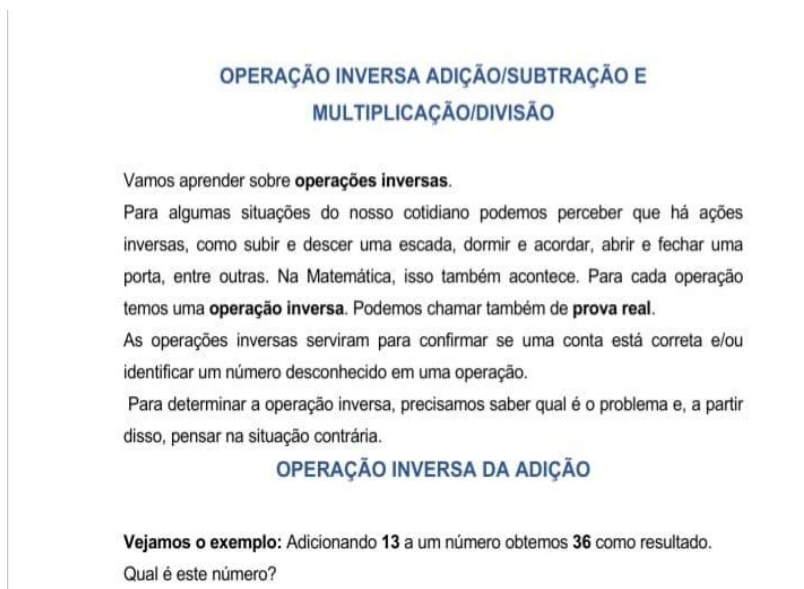
Estudamos algumas maneiras de como explicar o que são e como identificar os números pares e ímpares, e uma delas foi através de agrupamentos, pois quando contamos agrupando de 2 em 2 e não sobra nada é considerado quantidade par e quando sobrar é quantidade ímpar. Também pontuamos que numerais terminados em 0, 2, 4, 6, 8 são pares, já os terminados em 1, 3, 5, 7, 9 são ímpares. No decorrer do texto, fizemos vários exemplos para ajudar na compreensão desse assunto.

A gente olha e acha fácil, mas como saber se essa maneira de explicar, os alunos conseguiram entender, se estivéssemos em sala presencial poderíamos explicar mais e de outras maneiras interagindo e envolvendo as crianças na explicação. Neste mesmo texto tínhamos outros temas como *Antecessor/ Sucessor*; *Números do cotidiano*; *Reta Numérica*, desta forma planejamos não nos estendermos muito em cada tema, pois todos esses temas eram para ser trabalhados em uma aula só, assim explicamos o conceito, como identificar, quando nos deparamos no nosso dia a dia e demonstramos com exemplos.

Na aula sobre *Operações Inversas*, estudamos bastante também sobre o assunto e como poderíamos abordar no texto e no vídeo. Assim, iniciamos trazendo exemplos de ações inversas que acontecem no dia a dia, como subir e descer, dormir e acordar, e que na matemática a operação inversa da subtração é a adição, e a da adição é a subtração, assim como acontece também com a operação inversa

da multiplicação que é a divisão, e da divisão é a multiplicação; trouxemos exemplos em formatos de cálculos e em outros momentos com de situações com carrinhos.

Imagem 15: Foto do texto da aula Operações inversas



Fonte: Arquivo pessoal

Na aula *Ideia de fração* iniciamos também falando em que momentos nos deparamos com as frações no cotidiano, depois trouxemos o que é uma fração e seguimos com exemplos para contextualizar as primeiras ideias de uma fração e como identificá-las.

Frações não é um assunto que me dava bem, sempre me confundia, por isso que, para essa aula busquei textos e vídeos para estudar a melhor maneira de explicar essas primeiras ideias para não deixar as crianças confusas.

Este tema, por ser as primeiras ideias da fração não é muito complexo para trabalhar, mesmo assim foi preciso rever, estudar e assistir vídeos para compreender o assunto melhor e tirar as dúvidas para escrever um texto que não fosse longo e que fosse direto ao assunto. Para esta aula planejamos além do texto, vídeo e atividade, um jogo *on-line* na plataforma *Wordwall*. Abaixo foto do texto desta aula:

Imagem 16: Texto da aula - Ideia de fração

IDEIA DE FRAÇÃO

Em várias situações do nosso cotidiano podemos perceber que há **ideias de fração**, como por exemplo, ao dividir uma barra de chocolate com seu/sua irmão/a, ao comer uma fatia de pizza, ao fazer uma receita culinária etc.

Fração no nosso cotidiano



Uma fração é um número usado para representar parcelas de um **valor inteiro** que foi **dividido em partes iguais**, ou seja, se um objeto qualquer for dividido, o número que representará cada uma das partes obtidas nessa divisão será chamado de **fração**. Assim, a fração é uma forma de representar algo dividido em partes iguais.

Fonte: Arquivo pessoal

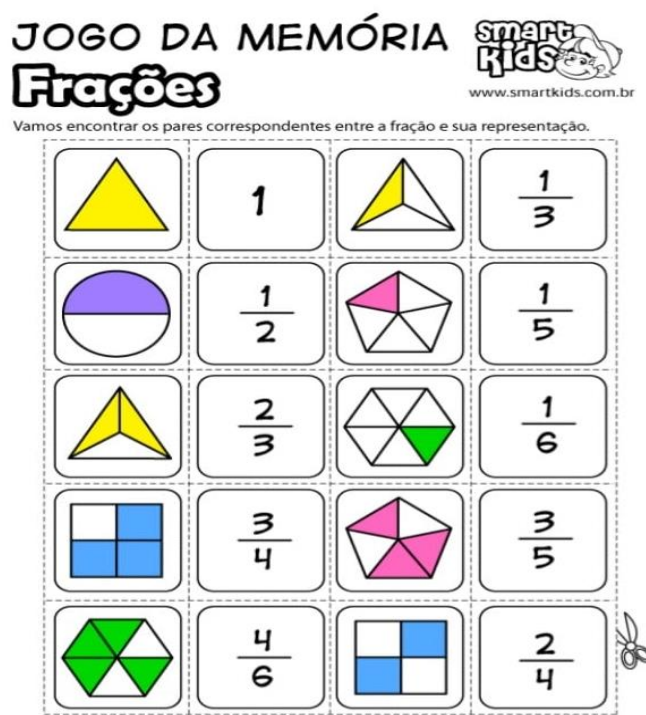
Em relação às atividades para serem registradas, deveriam ser feitas na plataforma ou anexada no texto da aula, desta forma, poderiam ser realizadas através de questões de múltipla escolha, questões discursivas, exercícios escritos e respondidos no caderno com envio de foto através do WhatsApp, atividades práticas com filmagem de no máximo um minuto enviada pelo WhatsApp com níveis que variavam de fácil, médio e difícil.

Buscamos além de realizar questões de múltipla escolha e discursivas na plataforma, propomos um jogo *on-line* e também um jogo da memória com materiais recicláveis. Entendemos, assim como Mesquita e Moura (2021, p. 04), que “um ótimo recurso para o ensino *on-line* como *off-line* são os jogos digitais, pois além de contemplarem o aspecto lúdico podem ser usados nas aulas de matemática escolar atrelados a uma intencionalidade pedagógica e objetivos de aprendizagem previamente pensados pelos professores”.

Na nossa última aula participamos do projeto *Meu Ambiente* da escola-campo. Em relação ao projeto, deveríamos elaborar uma ação ou atividade prática tendo como tema transversal *Ética, cidadania, consumo e responsabilidade ambiental e patrimonial: principais efeitos da ação do homem na natureza* relacionando com os conteúdos de matemática escolar que estávamos trabalhando.

Planejamos para a aula de *Termos e leitura de uma fração* propor para as crianças a produção de um jogo da memória com materiais recicláveis com representações das frações. Desta forma, fizemos um texto e produzimos um vídeo falando sobre o tema da aula e explicando sobre a importância da reciclagem e das possibilidades para a preservação do meio ambiente. Explicamos sobre a confecção do jogo, passo a passo, indicando os materiais que poderiam ser papelão, tampinhas de garrafas pets, caixas de leite entre outros, e disponibilizamos um modelo das frações para serem impressas ou ser desenhadas e pintadas por elas para serem confeccionada as peças do jogo. Como esse modelo abaixo:

Imagem 17: Modelo do Jogo da Memória com frações para produção das peças



Fonte: [site smartkids.com.br/atividades/fracoes-3/](http://site.smartkids.com.br/atividades/fracoes-3/)

Para esse jogo, pedimos para as crianças fazerem um vídeo delas produzindo e jogando, e que postassem no grupo de WhatsApp da turma. Para essa aula também fizemos uma atividade na plataforma para ajudar a exercitar e assimilar o conteúdo junto ao texto e vídeo que foram postados na plataforma.

É preciso destacar a importância do jogo para as aulas de matemática, ainda mais porque as crianças ainda estão ligadas em jogos e desafios, e quanto mais

isso for explorado, menos dificuldades elas poderão ter associando o jogo com o conteúdo matemático, como esclarecem Moura e Nacarato (2021).

Para cada aula fazíamos um plano de aula elaborando uma planilha conforme os dados que eram pedidos para serem colocados na plataforma do município e o professor preceptor anexavam junto às atividades os links de cada aula. Abaixo um exemplo da planilha:

Imagem 18: Plano de aula- Ideia de fração

PLANILHA DE AULA PLATAFORMA GEDUC	
MONTAGEM DA AULA	
BIMESTRE	2º
NOME DA AULA	A ideia de fração.
DATA DA PUBLICAÇÃO	18/08/2021
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Representação fracionária dos números racionais: reconhecimento, significados, leitura e representação na reta numérica. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. FRAÇÃO: O QUE É, OPERAÇÕES, EXERCÍCIOS. Mundo educação . Disponível em: < https://mundoeducacao.uol.com.br/matematica/fracao.htm >. Acesso em: 10 de ago. de 2021. DANTE, Luís Roberto. Ápis matemática , 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo: Ática: 2017. Disponível em < https://saber.com.br/obras/Aplicacoes/Edocente/plugins/pdfs-2.6.347-dist/web/viewer.html?file=https://saber.com.br/obras/PNLD/PNLD_2019/Api_s_Matematica/5o%20Ano/PNLD19_Apis_Matematica_5ANO_PR_ATICA.pdf > Acesso em: 11 de ago. de 2021. CONSELHO. Aline do Bom. LIGAMENTE. Fração com chocolate . Youtube, 27 de ago. de 2020. Disponível em: < https://youtu.be/y7L4d94W8s4 >. Acesso em: 11 de ago. de 2021.
REFERÊNCIAS	
UNIDADE TEMÁTICA	Números
CÓDIGO DE HABILIDADE	EF05MA03 (AF)
COMPONENTE CURRICULAR:	Matemática
DATA PREVISTA	
CARGA HORÁRIA	
TÓPICO	
TÍTULO DO TÓPICO	A ideia de fração.
ATIVIDADE PROPOSTA	
*(questões de múltipla escolha, questões discursivas, exercícios escritos e respondidos no caderno com envio de foto através do whatsapp, atividades práticas com filmagem de no máximo 1 min enviada através do whatsapp)	
3 QUESTÕES – FÁCIL	
3 QUESTÕES – MÉDIO	
3 QUESTÕES – DIFÍCIL	

Fonte: Arquivo pessoal

Assim, o modelo de plano de aula que elaborávamos era de acordo com os dados que precisavam ser colocados na plataforma.

Os planos foram adaptados variando conforme as situações que passávamos com o isolamento social e conforme o que podia ser feito naquelas circunstâncias, com planejamentos dentro do possível para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Fonseca e Fonseca (2016, p. 54) o plano

Não se apresenta como um documento rígido e absoluto, variando conforme os diferentes momentos do processo de planejar, envolvendo naturalmente desafios e contradições. Para que se

constitua num instrumento eficiente de ação, precisa apresentar diretrizes claras, práticas e objetivas.

Desta maneira, percebemos que o ensino pode ser modificado ao momento e situação que os envolvidos se encontram, pois, tivemos alunos com perdas familiares, enfrentaram a doença, algumas crianças tiveram dificuldade de ter alguém para acompanhar suas atividades e tudo isso foi levado em consideração no planejamento para que o aluno alcançasse os objetivos propostos nas aulas.

Outras habilidades desenvolvidas foram com o manuseio das TDIC. Com as aulas no ERE, pois passamos a usar plataformas que até conhecíamos, mas não utilizávamos para atividades escolares e outras passamos a conhecer na tentativa de produzir caminhos para o desenvolvimento do nosso trabalho.

As tecnologias nunca foram fáceis para mim, sempre tive dificuldades em coisas simples, e, com a pandemia, muitas ações passaram a ser realizadas pelos meios tecnológicos e me via em muitos momentos com vontade de desistir. Por mais que achasse maravilhoso termos os nossos próprios materiais para as aulas, tudo isso me deixava com medo e ansiosa de não conseguir fazer, mesmo tendo passado por minicursos, formações e oficinas sobre as tecnologias e o ERE, colocar em prática e produzir nós mesmos, me deixou assustada.

Mas com a contribuição e incentivo dos professores, dos residentes e da minha dupla de RP-Pedagogia, que ao contrário de mim era ótima com as tecnologias, fomos testando o que mais correspondesse e se encaixasse com o que estávamos propondo em cada aula e assim fui superando o medo de dar errado. Isso me fez ter mais segurança em manipular plataformas e aplicativos para as produções das aulas e para além delas.

Para produzirmos as vídeo aulas assistimos alguns vídeos de matemática no YouTube para entender como os professores estavam fazendo para ensinar matemática de forma leve e que prendessem a atenção dos alunos e assim contribuíssem com sua aprendizagem. Segundo Leal Junior et. al. (2018, p. 41), enfatiza que:

Cada vez mais videoaulas ou aulas em vídeos têm ganhado espaço nas redes sociais. O número de professores que ensinam matemática por meio de vídeos, como aqueles divulgados e promovidos em plataformas de compartilhamento de vídeos, a exemplo do YouTube, tem ganhado proporções significativas.

Buscamos entender e aprender como trabalhar com o ensino da matemática através de vídeos, assim como muitos professores youtubers “mostram que é possível contextualizar alguns conceitos que um professor de matemática de ensino tradicional não saberia” (LEAL JUNIOR et al. 2018, p.61). Desta forma, estudamos as abordagens, como falar, como se comportar, os recursos que usar, entre outros aspectos que contribuíssem com as nossas produções.

Na primeira vídeo aula, foi feito os exemplos que usaríamos no texto na plataforma, depois do texto pronto fizemos os slides com as inserções das imagens, animações e áudios. Tive muita dificuldade na criação dos slides e animações, pois ainda estava conhecendo a plataforma, era muita informação, e fiquei um pouco perdida e isso fez com que demorasse a desenvolver a produção. Depois de pronto gravamos os áudios nos nossos celulares, cada uma na sua casa, e inserimos nos slides para apresentação na plataforma e baixamos em formato de vídeo. Como a aula era grande e tinha vários temas, dividimos em dois vídeos para colocarmos os áudios, assim fiquei com um e minha dupla com outro.

Como não tínhamos um lugar para gravações, os áudios ficaram com sons ao fundo, mesmo gravando de madrugada, e isso me deixava aflita de não poder ter um áudio bom para colocar na produção, até que conseguimos gravar e colocar nos slides e mandamos para o professor orientador para as observações e em seguida para o preceptor colocar na plataforma do município junto ao texto e a atividade.

A segunda aula foi sobre *Operações Inversas: Adição/Subtração e Multiplicação/ Divisão*. Desta vez conhecendo mais a plataforma não sofremos tanto com a angústia de que não daria certo devido à manipulação da plataforma. Com isso, iniciamos fazendo as animações e os slides seguindo o nosso texto. De início iríamos gravar só com os áudios explicando *slides*, como no primeiro vídeo, porque estava com receio, com medo de aparecer, medo dos julgamentos, medo de não conseguir passar a mensagem correta, era um misto de sentimentos que meu estômago revirava, e minha dupla também tinha as questões dela de não querer aparecer no vídeo.

Mas conversando com os professores, eles destacaram a importância de aparecermos e nos aproximarmos dos alunos devido à distância do isolamento social, então esse seria o momento de encurtarmos essa distância ao aparecermos nos vídeos, depois dessas conversas e refletir muito decidi gravar.

Com os *slides* prontos para fazer a apresentação de vídeo, na própria plataforma Canva tem a opção de apresentar e gravar, com isso fomos encaminhadas para o espaço de gravação na plataforma, nossa imagem fica no canto da tela e assim podemos explicar um slide por vez podendo passar quando precisar e no final da gravação aparece a opção de descartar, salvar e baixar ou gerar link.

Na plataforma não tem opção de fazer edições da apresentação, assim tinha que fazer toda a apresentação sem errar até o final. Tentei muitas vezes, tive que decorar algumas partes, outras anotei perto do computador para ajudar, depois de algumas tentativas enviamos para o professor orientador.

Nesta vídeo aula, o orientador pontuou algumas observações no vídeo que precisava ser feitas, com isso corrigimos o texto, os slides e voltei a gravar; essa nova gravação deu muita dor de cabeça, pois era final de semana e na minha casa não tem um ambiente que possa fechar e ficar isolada para diminuir os sons externos, neste dia passei o dia todo tentando gravar entrou a noite e sempre acontecia algo, ou era o som do vizinho, uma moto passando, cachorro latindo, alguém gritando na rua, quando chegou a noite não estava mais conseguindo gravar de cansada e enfadada, até que dei um tempo e depois voltei, os barulhos diminuíram e consegui gravar, depois mandamos para o professor novamente.

Desde esse dia, fiquei pensando mais ainda no que os professores estavam passando com varias disciplinas e mais turmas, tendo que gravar praticamente todos os dias aulas, produzir textos, fazer as atividades, corrigir, dar devolutiva, acompanhar os alunos na plataforma, quem estar fazendo as atividades e procurar saber o que aconteceu com os que não estão fazendo, entre outras coisas estando em isolamento com todos da família trancados em casa. Senti na pele como tem sido dura a vida de professor na pandemia.

Visto o isolamento causado pela pandemia, os professores estão tendo que administrar o trabalho *homeoffice* à formação continuada em relação às TDIC e outras, construções de materiais, lidar com a doença causada pelo Covid-19, em muitos casos perdas, vida familiar, afazeres domésticos, gastos com energia, internet e equipamento eletrônico para as produções. Com isso, os docentes de forma geral estão inseridos em um ambiente propício ao adoecimento devido as altas cobranças e cargas responsabilidades de fazer com que a educação escolar

tenha continuidade durante o isolamento social. Segundo Saraiva; Traversini; Lockmann (2020, p. 18),

A responsabilização dos professores tende a fortalecer a intensificação e a autointensificação do trabalho aumentando a exaustão docente. Há um difícil equilíbrio entre continuar as atividades letivas e administrar o momento atual que tem gerado estresse e ansiedade.

Depois dessa aula, estava desanimada com pensamento de que não daria conta da rotina de pesquisar, produzir os textos, fazer os vídeos, fazer acompanhamento e devolutiva das atividades. Ficava imaginando que os professores estavam com muito mais responsabilidades e uma sobrecarga maior e eu não dava conta de uma disciplina. Alguns dias depois o professor preceptor disse que recebemos o convite para que nossas aulas participassem do Canal de Educação de Imperatriz- TVEducaltz/ 7.2, e ficamos muito felizes porque era um sinal de que estávamos no caminho certo e que todo o nosso esforço chegaria mais longe e contribuiria com mais crianças. Além disso, recebemos das palavras de incentivos dos professores e retorno dos alunos sobre nossos trabalhos e o coração foi acalmando.

Imagem 19: Vídeo aula passando na TVEducaltz canal 7.2



Fonte: Arquivo pessoal

Na terceira aula trabalhamos a *Ideia de fração*, e fizemos para o vídeo o mesmo esquema de produzir o texto primeiro e depois fazer os slides, para depois gravarmos a explicação. Nesta aula já estávamos com mais prática e fomos bem

mais rápidas com as produções tanto do texto, como na gravação do vídeo e produção da atividade. O que demoramos mais foi na produção de um jogo *on-line* como proposta para essa aula.

Para fazer o jogo usamos a plataforma *Wordwall* que é projetada para a criação de atividades personalizadas. Para esse jogo passamos por todo um processo, desde a escolha da plataforma, qual modelo de jogo usar, depois que escolhemos o *Quiz* e elaboramos as perguntas, escolhemos imagens que utilizaríamos e ajustamos as configurações do jogo.

Desta vez, senti que estávamos pegando o jeito das produções, estávamos mais rápidas nas tomadas de decisões, mais seguras com o que fazer e na hora de colocar em prática também, porque nas primeiras nos sentimos inseguranças e acabávamos demorando muito nas produções e isso nos deixava apreensivas e se estávamos fazendo certo ou não.

Nossa última aula no ERE tinha como tema *Termos e leitura de uma fração*. Como já estávamos pesquisando sobre esse assunto os textos e a atividade foi bem prático de elaborar, montar e explicar sobre os termos e leituras de uma fração. Para essa aula propomos um jogo da memória, assim iniciamos o vídeo explicando quais são os termos de uma fração e como são feitas suas leituras. Depois fizemos outro vídeo explicando como fazer as peças do jogo da memória com os materiais recicláveis.

Para o vídeo, explicando sobre o jogo da memória, gravei no meu celular e de início achei que seria fácil e prático falar como elaborar, mas fiz várias gravações e sempre saia algo errado, assim montei um roteiro para falar em partes o passo a passo para não me perder e deixar de falar algo importante.

Imagem 20: Foto do vídeo explicando como fazer o jogo da memória



Fonte: Arquivo pessoal

Sobre as produções das vídeo aulas, concordo com Tavares, Almeida e Moura (2022, p. 102), quando discorrem que “a melhor maneira de produzir vídeo aulas, implica três coisas: paciência, organização e articulação [...]”, pois é preciso ter paciência para assimilar o assunto e se apossar dele, fazer roteiros e organizá-los para poder explicar de forma precisa e clara nos vídeos, é preciso também ter organização dos materiais para não se perder na explicação e no tempo da gravação, assim como a articulação buscando a melhor forma de explicar o assunto como dividi-los em partes entre conceitos e exemplos para as vídeo aulas não fiquem com conteúdos densos (TAVARES; ALMEIDA; MOURA, 2022).

Desta forma, as aulas remotas mesmo com todas as dificuldades e desafios contribuíram no desenvolvimento das nossas práticas, para além dos conteúdos postados na plataforma, também aprendemos mais sobre planejamento e organização didática. Todas essas ações me proporcionaram desenvolver habilidades para o planejamento, a organização pedagógica, a comunicação, a relação e contato com os alunos e o uso das TDIC para a formação docente.

Através dessas reflexões, foi possível progredir nas compreensões do senso crítico e em novas abordagens e metodologias durante as formações, assim como também nas experiências com as aulas e o compartilhamento de saberes em busca de propiciar aos alunos o seu desenvolvimento pleno e nossa formação como futuros docentes.

O contato com a sala de aula e com os alunos me fez compreender e interagir com a realidade e com todas as especificidades de uma rotina escolar, mesmo de

modo remoto. Todos esses processos contribuem para o desenvolvimento da nossa identidade docente. Para Matos, Nista-Piccolo e Borges (2016, p.51), “A etapa da formação inicial docente tem uma função fundamental no desenvolvimento de identidade profissional, pois os acadêmicos (re)conhecem no papel do professor seus saberes, competências e habilidades”.

Lima (2017, p.132) nos diz que a formação inicial “é o espaço em que se constroem os sentidos e as aprendizagens que definem a identidade docente. Esta inclui uma construção que particulariza e potencializa o sujeito durante a carreira docente”.

As formações e ações proporcionadas no RP-Pedagogia se tornam importantes no processo de desenvolvimento da construção da identidade docente dos residentes, visto que, a imersão do licenciando ao ambiente de trabalho trouxe experiências relevantes para essa construção assim como também o sentimento de pertencimento à profissão.

3.2 O Ensino Presencial e as Habilidades Desenvolvidas

À volta para o ensino presencial já estava sendo aguardada com muita ansiedade por todos. Quando o ano letivo começou em 2022 no município de Imperatriz/MA, passamos a acompanhar uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

A pandemia gerou um grande impacto na sociedade não só em relação à saúde, mas também na educação, pois foram dois anos que milhares de estudantes ficaram fora da escola, isso trouxe danos, pois a escola tem um papel importante na formação deles, para além das aprendizagens, ela influencia no desenvolvimento social e emocional a partir das vivências e trocas de conhecimentos realizados na escola.

Com o retorno às aulas, as ações do RP-Pedagogia foram direcionadas para o presencial. Iniciamos os primeiros dias com as observações na sala de aula, que foram importantes para conhecer e entender como era a turma, como a professora trabalhava e lidava com as situações do dia a dia na sala de aula.

Desta forma, observar é um processo que nos leva a nos familiarizar com o ambiente, os sujeitos e práticas, tendo a oportunidade de analisar e refletir sobre

aspectos que serão importantes para elaborarmos um plano de aula e nossas práticas futuras. De acordo com Corradini e Mizukami (2011, p. 54):

O desenvolvimento da habilidade da observação por meio de profundas apreciações requer a capacidade de permanecer aberto e flexível, não se atendo de imediato às primeiras impressões: procura-se não fazer julgamentos, mas analisar o contexto. Nossas verdades podem não ser absolutas, quando interpretadas sob um único ponto de vista, em detrimento das interações multifatoriais que afetem diretamente nossos resultados, ou mesmo criando novos obstáculos.

O contato com a preceptora e as observações feitas das suas práticas e como a turma se comporta, foram de grande relevância, pois assim foi possível refletir e agregar em nossas ações, práticas e metodologias que contribuíssem com o desenvolvimento das aulas e também com nossa formação, sem julgamentos e abertas a refletir sobre o processo.

Nas observações foi possível perceber a rotina da escola, da sala de aula e como a professora organizava o tempo nas suas aulas. Os dias que ficamos designadas para ir à escola foram nas segundas-feiras, nesse dia da semana tinha momento cívico com as crianças no pátio e só depois iam para a sala de aula.

Depois do momento cívico, a preceptora esperava em torno de 10 minutos para que todos chegassem e se acomodassem na sala, assim os alunos aproveitavam para pegar água e ir ao banheiro. Depois desse tempo era feito uma oração e em seguida a chamada recolhendo os cadernos que foram para casa. Depois desse momento, a professora fazia uma leitura de uma historinha e perguntas sobre a leitura feita. Depois dessas atividades havia Educação Física na quadra, assim os primeiros horários até o recreio, eram de atividades físicas. No primeiro dia de observação após o recreio a professora entregou uma atividade impressa para as crianças trabalharem as letras do alfabeto.

Imagem 21: Educação Física do primeiro dia de observação



Fonte: Arquivo pessoal

Como afirmei, é fundamental para um estagiário ou qualquer pessoa que quer conhecer o espaço de uma sala de aula e sua dinâmica, observar seu dia a dia, a atividade docente e discente, para não fazer julgamos disto ou daquilo, mas para conhecer seu funcionamento e se aproximar dos sujeitos (CORRADINI; MIZUKAMI, 2011). Foi a partir da observação e das discussões nos encontros de formação do RP-Pedagogia, que planejamos a sequência didática sobre o gênero *Receita*.

No primeiro dia da sequência tentamos seguir a rotina da professora para os alunos não estranharem. Depois do momento cívico fomos para a sala e esperamos um tempo para se organizarem, fizemos uma oração, a professora fez a chamada e começamos a desenvolver o tema da aula com a leitura da receita em formato de história, depois conversamos sobre o texto e o que era uma receita, a maioria interagia dizendo que já tinha visto alguém fazendo uma receita, outros não, assim seguimos conversando.

Nossa proposta era montar uma receita de salada de fruta escrita na lousa, com eles completando os nomes das frutas, depois que escrevemos tudo na lousa ficamos passando de cadeira em cadeira para acompanhar a atividade.

Fora a aula da sequência, levamos uma dobradura/origami de um palhaço para fazermos na sala. Um dia antes foi comemorado o dia do circo, dia 27 de março, e para trabalhar o tema levei essa dobradura caso ainda tivéssemos tempo. Conversamos com a professora que não fazia parte da sequência, era uma atividade extra que levamos e ela disse que podíamos fazer.

Quando voltamos do recreio, conversamos com as crianças sobre o dia do circo e fizemos perguntas sobre o que eles conheciam do circo e quem já tinha ido, depois explicamos que iríamos fazer uma dobradura/origami de um palhaço. Nessa atividade, quando comecei a falar as primeiras partes para dobrar todos se levantaram e começaram a falar ao mesmo tempo e alto, ou eu não estava sabendo explicar ou as crianças ficaram tão empolgadas que não puderam esperar nas suas cadeiras. Até que consegui que se sentassem e fizessem o passo a passo da dobradura, bem devagar repetindo várias vezes os movimentos. Depois que conseguiram dobrar, eles pintaram e enfeitaram. Após esse momento perto do encerramento a professora fez uma revisão do que foi trabalhado naquele dia com os alunos até o final da aula. Abaixo foto da dobradura de palhaço;

Imagem 22: Dobradura/origami de uma das crianças



Fonte: Arquivo pessoal

Nesse dia, em relação à sequência didática, a dificuldade maior foi na hora de acompanhar a atividade e tirar as dúvidas, pois as vezes todos começavam a conversar ao mesmo tempo, mas conseguimos desenvolver e no final deu certo. Já em relação à dobradura não sei se pensei que seria fácil de ensinar como fazer as dobras e na hora não foi como imaginava ou como era um momento de descontração e produção, todos iam agir de forma animada e levantar para entender melhor como fazia, acabou que a sala ficou agitada e tive que pedir para todos

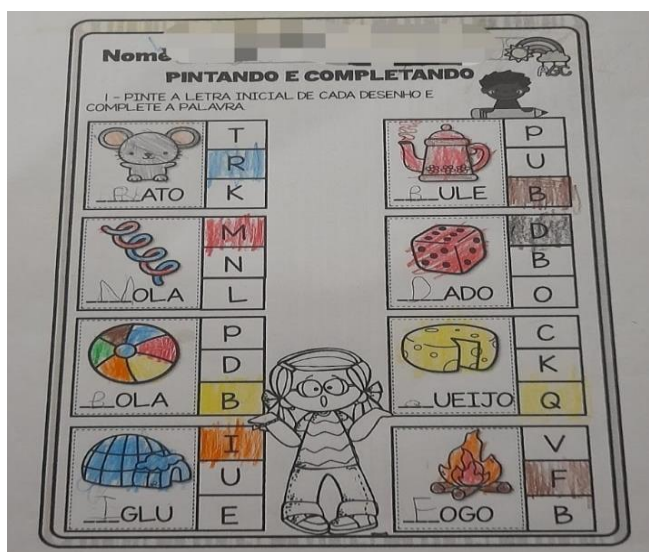
sentarem para explicar de novo até que todos conseguissem fazer as dobras e enfeitarem.

Na segunda aula da sequência fizemos os mesmos passos iniciais: participarmos do momento cívico para depois ir para a sala e quando chegamos esperamos um tempo para que todos chegassem e organizassem, fizemos a oração, a professora fez a chamada e recolheu os cadernos. Em seguida realizamos a leitura do texto, fizemos algumas perguntas e interagimos com eles, depois propusemos uma atividade. Na volta do intervalo já havíamos encerrado a sequência e a professora propôs uma atividade do livro; perto do horário de encerrar a professora fez uma revisão do que foi trabalhado na aula, depois entregou os cadernos com atividades coladas para casa.

No terceiro dia da sequência didática iniciamos com as crianças no momento cívico no pátio, depois fomos para sala e esperamos um tempo para terminarem de chegar, fizemos a oração conversamos sobre o que era uma receita, para que servia, e relembramos os ingredientes da receita da salada de frutas, assim montamos a salada na sala e finalizamos a sequência de três aulas com a degustação.

Como sabíamos que esse momento seria bem mais rápido que os outros levamos uma leitura e uma atividade fora da sequência didática para fazer caso a professora autorizasse. A leitura foi do livro *A revolta das letras* do texto de Renildo Franco e ilustrações Sérgio Melo (2012), e levamos uma atividade impressa. Abaixo a foto da atividade;

Imagem 23: Foto da atividade feita em sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal

Esse momento durou até a hora do recreio, pois no começo tivemos o momento de montar a receita e degustar, depois a leitura, conversa sobre o texto e a atividade. Essa atividade tinha que escrever a letra inicial dos desenhos e identificá-la e pintá-la no quadrado ao lado. Para esse momento escrevemos os nomes no quadro destacando as letras iniciais, pois ainda tinha muita criança que não conheciam as letras assim explicamos e respondemos junto com eles no quadro e acompanhamos um por um.

Depois que voltamos do recreio a professora realizou um jogo de dominó com as letras do alfabeto com a turma e fez uma revisão do que foi feito no dia e entregou os cadernos com as atividades que foram para casa corrigida e outras colada.

A nossa última ação foi com o Piquenique Literário que realizamos no pátio da escola depois do momento cívico e da oração na sala de aula até o momento do intervalo e depois voltamos para a sala e terminarmos com os dedoches e as crianças tiveram um tempo para fazer e brincar com eles, assim como na hora das leituras e manipulação dos livros no piquenique as crianças tiveram um tempo para cada momento.

A forma que encontramos para organizar o tempo na sala de aula e no espaço escolar foi entender que tem outros tempos e precisam ser respeitados como: tempo da escola, tempo das crianças, tempo da professora, nosso tempo, tempo das crianças interagirem conosco e entre elas, tempo de estudar e brincar.

As autoras Vangiler e Lima (2020, p. 296), enfatiza que:

Os tempos escolares são compostos por uma multiplicidade de tempos e envolvem uma variedade de sujeitos, dentre eles, professores e alunos. Estes chegam ao espaço da escola com um tempo social, psicológico, fisiológico e cronológico diferente do encontrado naquela instituição [...]

Assim, a organização do tempo escolar está relacionada a outros tempos e todos se inter-relacionam. Desta forma, “[...] a organização desses múltiplos tempos deve reger-se por critérios de distribuição entre tempo de aprendizagem e tempo de lazer, tempo de maior esforço e concentração alternados com tempos de desconcentração e diversão.” (ARAÚJO, 2020, p. 4).

Como não tinha participado ainda de nenhuma atividade prática em sala de aula os dois dias de observação foi muito importante para entender como a

professora fazia para organizar o tempo e a rotina na sala. O que mais me chamou atenção foi o tempo que ela dava as crianças para participarem da aula e para fazer suas atividades mesmo que demorasse e desse a hora de participarem de outro momento ela esperava aquela criança terminar a sua, cumprindo e respeitando o tempo individual, coletivo e as diversas dimensões de tempo existentes no espaço escolar que contribuem para formação do sujeito.

A imersão na escola pública mais uma vez fez toda a diferença em compreendermos a realidade da turma e da escola, e assim poder interagir e vivenciar as demandas, anseios e complexidades da vida escolar, permitido amadurecer e aprender a lidar com diversas situações a partir dessas experiências e nos desenvolvendo como profissionais.

A autonomia nas produções das aulas e nas aulas foi de suma importância, pois nos proporcionou planejar, construir, ministrar e tomar decisões proporcionando a ampliação de repertório de metodologias de ensino e promovendo assim o enfrentamento das limitações encontradas na sala de aula.

Assim como nas aulas remotas, também fizemos planejamentos alinhados a BNCC [BRASIL, 2017], que proporcionou um amadurecimento ao planejar aulas direcionadas às dificuldades e necessidade das crianças dentro do planejamento anual da escola e da professora da sala.

Segundo Tardif (2002), os saberes dos professores são plurais, traz para o exercício do trabalho, conhecimento e manifestações diversificadas de variadas fontes e naturezas. Com isso, entendo que as manifestações em mim como futura docente podem ser de muitos lugares e situações e estar na sala de aula no presencial fez toda a diferença em sentir acontecer e viver o “chão da escola” e de poder potencializar e progredir minha formação.

O acompanhamento e o suporte dos professores Orientador e preceptores foram de suma importância, pois com o apoio e o auxílio nas ações e desenvolvimento dos trabalhos no programa nos passaram segurança e ficamos mais confiantes nas nossas práticas na sala de aula com o ensino remoto e no presencial. Assim como também a relação entre os residentes com as trocas de experiências e saberes contribuíram bastante durante a regência no programa e o desenvolvimento dos nossos trabalhos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste trabalho foi muito significativa para minha formação ao proporcionar a análise e reflexão sobre os acontecimentos e fatos da minha trajetória de vida e formação me fazendo ter mais consciência do meu processo.

Através deste memorial foi possível rememorar eventos do passado que fez com que me enxergasse como uma pessoa que tem sim histórias para contar diferente de quando me sentir lá no começo do curso quando pediram para fazer um texto sobre minha trajetória e me senti muito mal acreditando que não tinha nada de importante para escrever, e que toda a insegurança com a escrita perpassa por um contexto desde o início da escolarização que aconteceu de forma tradicional e mecânica, por problemas familiares entre outras situações que ocorreram durante essa caminhada.

A escrita de si não é fácil, transbordamos de dúvidas do que devemos escrever, como escrever, medo de estar errada, de contar demais ou contar de menos, medo do que vão falar ou achar, mas essa escrita se faz necessária para entender quem somos, de onde viemos e aonde queremos chegar. Desta forma, compreender que a formação pessoal é a tomada de consciência de si e que se faz necessária para a formação e construção profissional.

Neste memorial discorri sobre o que é o dispositivo Memorial de Formação e a sua importância para a formação profissional, refletir sobre a minha trajetória escolar, acadêmica e também no Programa RP e o quanto esse processo foi importante para minha caminhada, e analisei as contribuições que o Programa Residência Pedagógica teve na minha formação profissional.

O memorial de formação trabalha em estimular o relato de acontecimentos importantes e relevantes da trajetória do sujeito por meio da autobiografia, assim aprendendo, no processo da sua escrita, os significados e ressignificar, as relações de experiências e fatos ocorridos. Além disso, o sujeito tem a oportunidade de praticar o exercício de análise e reflexão de si e do seu processo de formação, assim como também construir novas práticas a partir desse movimento.

Refletindo minha trajetória pude perceber que algumas situações que passei muitas vezes não estavam ao meu alcance de mudanças ou de fazer como gostaria, mas que pude aprender, amadurecer e crescer com esse processo. No meu percurso escolar e na universidade me vi em momentos difíceis durante a

caminhada e por situações em que diversas vezes não sabia lidar, mas refletindo entendo que fizeram parte da construção da minha formação e chegada até aqui.

Na universidade tive aportes e teóricos, momentos de formações e práticas que me proporcionaram caminhos para a formação pessoal e profissional, mesmo passando por uma pandemia, foram realizadas alternativas que enriqueceram meu processo.

Analisando as contribuições do Programa RP para minha formação, vejo o quanto foi importante e essencial, pois devido à pandemia os estágios de docência em campo foram suspensos, assim as atividades passaram a ser *on-line* e os estágios foram remanejados para outras formações respeitando o isolamento social.

No Programa Residência Pedagógica (RP) uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores do governo federal é promover a experiência de regência em sala de aula aos discentes das licenciaturas, com isso programa me proporcionou o único caminho que pude participar das atividades em campo mesmo diante do isolamento social.

Diante das análises e reflexões, percebo a importância dos estágios e de programas como o PRP para a formação docente, pois propicia ao acadêmico experiências dentro da sala de aula vivenciar a rotina e organização escolar com as teorias e formações necessárias para sua formação.

Desta maneira, o programa foi à oportunidade de me envolver e passar por experiências que enriqueceram meu processo proporcionando o desenvolvimento de ações, práticas e habilidades fundamentais para formação profissional.

Assim, o memorial proporcionou analisar e refletir, por lembranças, perceber a importância da formação pessoal para a formação profissional e identificar os pontos pertinentes da minha trajetória acadêmica que proporcionaram autoconhecimento, novos saberes, olhares e perspectivas.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna. Barreto Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, 34 (2), Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172. 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8708>>. Acesso em: 13 de jul. de 2022.
- ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- ARAÚJO, Mariana Cerquinha Afonso. **A organização do tempo escolar**: influência nos intervenientes. [S. l.], Universidade Minho. Instituição de Educação, 2020. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/77856> Acesso em: 20 out. 2022.
- ARRUDA, Heloisa Paes de Barros. **Planejamento de aula e uso de tecnologias da Informação e Comunicação**: percepção de docentes do Ensino Médio. Doutorado em Educação: currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9688/1/Heloisa%20Paes%20de%20Barros%20Arruda.pdf> . Acesso em: 24 de out. de 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504474/mod_resource/content/1/BOSI%20C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 de set. de 2022.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; ALBUQUERQUE, Odlia Cristianne Patriota; COUTINHO, Pereira Coutinho. WhatsApp e suas Aplicações na Educação: uma revisão sistemática da Literatura/WhatsApp. **Revista EducaOnline**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 67-87, 2016.
- BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. Avaliação institucional da escola: conceitos, contextos e práticas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 315-330, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/issue/view/282> Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 abr. 2022.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa de Residência Pedagógica. **Edital n.º 06/2018**. Brasília, 2018. Disponível em: http://cfp.ufcg.edu.br/portal/images/conteudo/PROGRAMA_RESIDENCIA_PEDAGO

[GICA/DOCUMENTOS E PUBLICACOES/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf](#) Acesso em: 22 out. 2022.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa de Residência Pedagógica. **Edital n.º 1/2020**. Brasília, 2020.

BRASIL. Lei n.º 9 394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **A revolta das letras**. Renildo Franco; Ilustrações de Sérgio Melo. Coleção PAIC Prosa Poesia. Fortaleza: SEDUC, 2012. Disponível em: https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/3236/1597120233FiCNTuuN.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

CORRADINI, Suely Nercessian; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Formação docente: o profissional da sociedade contemporânea. **Exitus**, Santarém, v. 1, n. 1, p. 53-61, Dez. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=553156352006> Acesso em: 03 de nov. de 2022.

FARIA, Juliana Batista; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Residência pedagógica: afinal, o que é isso? **Educação Pública**, Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, ago. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8393> . Acesso em: 19 out. 2022.

FILHO, Raimundo Barbosa Silva. ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/porescrito/article/view/24527/15729> > Acesso em: 20 de out. de 2022.

FONSECA, João José Saraiva da; FONSECA, Sonia da. **Didática Geral**. Sobral: Íta, 2016.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica - narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8705> . Acesso em: 21 nov. de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37ªed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Datafolha**: 40% dos alunos correm o risco de abandonar a escola. [S. l.], 2021. Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/noticias/datafolha-40-dos-alunos-correm-risco-de-abandonar-a-escola>> Acesso em: 20 de out. de 2022.

GUEDES- PINTO. Ana Lúcia. **Memorial de Formação**: Registro de um Percurso. [S. l.], 2012. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf > Acesso em: 05 out. 2022.

LAROSSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan-abr, n. 19. Pp. 20-28. São Paulo. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 10 de jun. de 2022.

LEAL JUNIOR, Luiz Carlos; ANDRADE, Cecília Pereira de; MARTINS, Egídio Rodrigues Martins; SILVA, Lilian Esquinelato da. Ensino de Matemática através de Videoaulas: um olhar pela Teoria da Atenção. **Tangram – Revista de Educação Matemática**, Dourados/MS, v. 1, n. 3, p. 40– 63, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/tangram/article/view/8300/4475> Acesso em: 19 de out. de 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999.

LIMA, Francisco Renato. Formação, identidade e carreira docente: endereçando itinerários Teóricos sobre o “Ser Professor” na contemporaneidade. **Debates em Educação**. ISSN: 2175-6600. Vol. 9. n.18, p. 119- 135, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2608/2587> Acesso em: 31 de out. de 2022.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MACÊDO, Josué Antunes de; SOUZA, Luciana Rodrigues; PEREIRA, Carlos Luís. Uso dos jogos no ensino da matemática. In: PEREIRA, Carlos Luís; PEREIRA, Marcia Regina Santana (org.). **Educação matemática escolar**: múltiplos contextos e abordagens de ensino. Ed. Curitiba: Editora Bagai, 2021, p. 109- 118. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597237/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Matem%C3%A1tica%20Escolar.pdf> Acesso em: 25 de out. de 2022.

MARANHÃO. **Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

MATOS, Telma Sara; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. BORGES, Maria Celia. Formação de professores de Educação Física: identidade profissional docente. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 8, n. 15, p. 47–59, 2016. Disponível em:

https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/2237-8049-2016.5/1718 Acesso em: 31 de out. de 2022.

MENDONÇA, Marcia. Gêneros: por onde anda o letramento? In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/22.pdf> Acesso em: 20 out. 2022.

MESQUITA, Laynna Barbosa. MOURA, Jónata Ferreira de. O ensino da matemática escolar no contexto da covid 19: o lúdico como dispositivo metodológico de uma residente pedagógica. **III Encontro de Ludicidade e Educação Matemática**, v. 3, n. 1, p. e202106, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/elem/issue/view/569>. Acesso em: 01 dez. 2022

MOURA, Jónata Ferreira de. **Pesquisa-Formação: Marcas, Resistências e Apropriações Reveladas pela Escrita de si no Processo de Formação Acadêmica Do Estudante de Pedagogia que ensina(rá) matemática**. p. 228, 2019. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação - Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2019.

MOURA, Jónata Ferreira de. NACARATO, Adair Mendes. Narrativas de professoras da Educação Infantil sobre o ensino de Matemática para crianças pequenas. In: **Ensino Da Matemática Em Debate**, 8(3), p. 1–25, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emd/article/view/52581>. Acesso em: 01 dez. 2022.

MURRAY, Roseana; MURRAY, André. Caldeirão da Bruxa. **Poemas e comidinhas**. São Paulo: Paulus, 2008. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2019/06/poema-caldeirao-da-bruxa-roseana-murray.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NASCIMENTO, Gilcilene Léia Souza do. Memorial de formação: um dispositivo de pesquisa-ação-formação. **Revista Inter- Legere**. v. 1, n. 7, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4689> . Acesso em 13 jul. 2022.

OLIVEIRA, Raquelândia Francisco de. **O papel do desenho no desenvolvimento infantil**. 2014. f. 21. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades “Osmar De Aquino”. Monografia. Curso de Pedagogia. Guarabira. 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3529/1/PDF%20-%20Raquel%C3%A2ndia%20Francisco%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

PACHECO, Willyan Ramon de Souza. BARBOSA, João Paulo da Silva. FERNANDES, Dorgival Gonçalves. A relação teoria e prática no processo de formação docente. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**. Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 332-340, 2017. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/380> Acesso em: 28 de out. de 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, p. 27-42, 2008. Disponível em > <https://silo.tips/download/memorias-memoriais>> Acesso em: 13 de jul. de 2022.

PASSEGGI, M.C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D. A. DURATE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte. UFMG/Faculdade de Educação, 2010a. CDROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/118-1.pdf> . Acesso em: 13 de jul. de 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010b, p. 19-42 Disponível em > <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19048/1/Memoriais%2C%20literatura.pdf> > Acesso em: 20 de jul. de 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.147-156, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PITANGA, Cris. **O segredo da Felicidade**. Contos & Fábulas. [S.l.], [s. d]. Disponível em: <https://crispitanga.com.br/conto-indiano-o-segredo-da-fecilidade/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005. Disponível em:> https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf > Acesso em: 04 de jun. de 2022.

RODRIGUES, Claudia Flores. Narrativas de si: estratégia de formação para (re) pensar a docência articulada ao processo de formação do sujeito. **Poíesis Pedagógica**. V.8, N.1 jan./jun. 2010; p.172-186. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/poiesis/article/view/12180> > Acesso em: 13 de jul. de 2022.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: 05 nov. 2022.

SCALABRIN, Izabe Cristina. MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Unar**, [S. l.], v. 17, n.1, 2013, p. 1-12. Disponível em: < http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf > Acesso em: 08 nov. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20 ed. São Paulo: Cortez, p, 141-143, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Silvio Rutz da. ANDRADE, André Vitor Chaves. BRINATI, André Maurício. **Ensino Remoto Emergencial**. Ponta Grossa, PR: Ed. Dos Autores, 2020.

Disponível em:

http://www1.fisica.org.br/mnpef/sites/default/files/anexosnoticia/EnsinoRemotoEmergencial_SilvaAndradeBrinatti.pdf Acesso em: 20 de jun. de 2022.

SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro da; CRUZ, Shirleide Pereira. A Residência Pedagógica na formação de professores: história, hegemonia e resistências. **Momentos: Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 227-247, ago. 2018. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v27i2.8062> . Acesso em: 20 out. 2022.

SMARTKIDS. **Atividades com frações**. [S. l.], [S. d.]. Disponível em:

<https://smartkids.com.br/atividades/fracoes-3/> Acesso em: 19 nov. 2022.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOBRINHA, T.B. & SANTOS, J. O. dos. O lúdico na aprendizagem: promovendo a educação matemática. **Rebes- Revista Brasileira De Educação E Saúde**, Pombal/PB, v.6, n. 1, p. 50 – 57, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18378/rebes.v6i1.4124> . Acesso em: 19 out. 2022.

SOUSA, Maria Claudia; SILVA, Cleres Carvalho do Nascimento; MOURA, Jônata Ferreira de. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e a Formação De Professores. In: José Anderson Costa Gomes; Verônica Maria de Araújo Pontes [Orgs]. **As TDIC e o/no ensino presencial**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 240p. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Luis-Miguel-Caetano/publication/345948436_As_TDIC_e_ono_ensino_presencial_prefacio/links/5fb2bab4299bf10c3685dd70/As-TDIC-e-o-no-ensino-presencial-prefacio.pdf > Acesso em: 10 out. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). **Memória e formação de professores**. (online). Salvador: EDUFBA, 2007. 310p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: < <https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> > Acesso em: 13 jul. 2022.

SOUZA, Ludmila. Dia Nacional do Livro Infantil: leitura deve ser estimulada desde cedo. **Agência Brasil**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/dia-nacional-do-livro-infantil-leitura-deve-ser-estimulada-desde-cedo>. Acesso em: 20 out. 2022.

SOUZA, Sarah Danielle Cardoso de. ARAÚJO, Ismael Xavier de. Divórcio dos pais e dificuldades na aprendizagem dos filhos: a importância da família no processo de ensino-aprendizagem. **Anais I CINTEDI...** Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8672>. Acesso em: 01 dez. 2022

TAVARES, José Miguel Rodrigues; ALMEIDA, Crizante Simão; MOURA, Jónata Ferreira de. Desafios e possibilidades do ensino da Matemática na pandemia da Covid-19. In: MOURA, Jónata Ferreira de. **Reflexões e estratégias sobre/para o ensino e a aprendizagem da matemática escolar e a formação docente**. Guarujá- SP: Científica Digital, p. 95-104, 2022. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/livro-reflexoes-e-estrategias-sobrepara-o-ensino-e-a-aprendizagem-da-matematica-escolar> Acesso em: 18 nov. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1755381/mod_resource/content/1/Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional.pdf Acesso em: 03 nov. 2022.

THOMSOM, Alistair. Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Proj. História**, São Paulo, v. 15, jul./dez. Ética e História oral. 1997, p. 51-84. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216> > Acesso em: 10 jun. 2022.

UFMA. SUBPROJETO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGIA. CURSO DE PEDAGOGIA. CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA. **O Letramento Matemático e a Implementação do Documento Curricular do Território Maranhense: o ensino e a aprendizagem da matemática escolar e o sujeito da experiência**, Imperatriz, 2020.

UFMA. **RESOLUÇÃO Nº 2.078-CONSEPE, 17 de julho de 2020**. Regulamenta o Ensino Emergencial Remoto e/ou Híbrido na UFMA durante período de pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2/COVID-19), 2020.

VANGILER, Maria Aparecida de Souza. LIMA, Elizabeth Miranda de. O professor dos anos iniciais do ensino fundamental e a organização do tempo escolar. **Communitas**, [S. L.], v. 4, n. 7, p. 285-311, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3080> . Acesso em: 20 nov. 2022.

VIEIRA, Rhaiza Ludimila Gomes; MOURA, Jónata Ferreira. Os desafios da escrita do trabalho de conclusão de curso de pedagogia em uma universidade maranhense. **Horizontes**. Itatiba, SP, 39(1), 2021. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1146>. Acesso em: 01 dez. 2022.

APÊNDICES

Apêndice 1- Plano das aulas no Ensino Remoto Emergencial e Pós-pandemia

PLANO DE AULA - PLATAFORMA GEDUC

MONTAGEM DA AULA			
BIMESTRE	1º		
NOME DA AULA	Números do cotidiano/ Reta numérica/Antecessor e sucessor/ números pares e ímpares.		
DATA DA PUBLICAÇÃO	05/04/2021	DATA ENTREGA	DA
OBJETO DE CONHECIMENTO	Sistema de numeração decimal: leitura, escrita e ordenação de números naturais (de até seis ordens).		
REFERÊNCIAS	REFERÊNCIAS BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. MARIN, Georgia Fabiana Mendes. Matemática. Sistema Ari de Sá de Ensino. São Paulo: Fortaleza, 2020. (2º ANO). Números pares e ímpares. Smartkids. Disponível em:<https://www.smartkids.com.br/trabalho/numeros-pares-e-impares.>Acesso: 30 de março de 2021. Reta numérica. Escola kids. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/matematica/reta-numerica.> Acesso em: 30 de março de 2021. Reta numérica dos números inteiros. Mundo educação. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br?matematica?reta-numerica-dos-numeros-interiros.htm> Acesso em: 30 de março de 2021. STECKELBERG, Anna Julia. Conhecimento Científico, 2020. Disponível em: https://conhecimentocientifico.r7.com/AnnaJuliaSteckelberg. Acesso em: 30 de março de 2021		
UNIDADE TEMÁTICA	Números		
CÓDIGO DE HABILIDADE	(EF05MA01) Ler, escrever e ordenar números naturais até a ordem das centenas de milhar com compreensão das principais características do sistema de numeração decimal.		
COMPONENTE CURRICULAR:	Matemática		
DATA PREVISTA		CARGA HORÁRIA	2 horas

PLANO DE AULA PLATAFORMA GEDUC

MONTAGEM DA AULA		
BIMESTRE	2º	
NOME DA AULA	Operações inversas: Adição/subtração e Multiplicação/divisão	
DATA DA PUBLICAÇÃO	30/06/2021	DATA DA ENTREGA
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Problemas: adição e subtração de números naturais e números racionais cuja representação decimal é finita. Problemas: Multiplicação e divisão de números racionais cuja representação decimal é finita por números naturais.	
REFERÊNCIAS	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2017. Guia Conquista. Meu diário de bordo . Ensino fundamental. Disponível em: https://conquistaguia.com.br/wpcontent/uploads/2020/04/CQT_EF1_4A_DB_DIA3_4 sem.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021. DANTE, Luiz Roberto. Ápis matemática : 3º ano: ensino fundamental, anos iniciais/ luiz roberto dante. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017.	
UNIDADE TEMÁTICA	Números	
CÓDIGO DE HABILIDADE	EF05MA07 (AF) EF05MA08 (AF)	
COMPONENTE CURRICULAR:	Matemática	
DATA PREVISTA		CARGA HORÁRIA
TÓPICO		
TÍTULO DO TÓPICO	Operações inversas: Adição e subtração/multiplicação e divisão.	

PLANO DE AULA PLATAFORMA GEDUC

MONTAGEM DA AULA		
BIMESTRE	2º	
NOME DA AULA	A ideia de fração.	
DATA DA PUBLICAÇÃO	18/08/2021	DATA DA ENTREGA
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Representação fracionária dos números racionais: reconhecimento, significados, leitura e representação na reta numérica.	
REFERÊNCIAS	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. FRAÇÃO: O QUE É, OPERAÇÕES, EXERCÍCIOS. Mundo educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/matematica/fracao.htm>. Acesso em: 10 de ago. de 2021. DANTE, Luís Roberto. Ápis matemática, 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo: Ática: 2017. Disponível em <https://saber.com.br/obras/Aplicacoes/Edocente/plugins/pdfs-2.6.347-dist/web/viewer.html?file=https://saber.com.br/obras/PNLD/PNLD_2019/Apis_Matematica/5o%20Ano/PNLD19_Apis_Matematica_5A_NO_PR_ATICA.pdf>. Acesso em: 11 de ago. de 2021. CONSELHO. Aline do Bom. LIGAMENTE. Fração com chocolate. Youtube, 27 de ago. de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/y7L4d94W8s4>. Acesso em: 11 de ago. de 2021.	
UNIDADE TEMÁTICA	Números	
CÓDIGO DE HABILIDADE	EF05MA03 (AF)	
COMPONENTE CURRICULAR	Matemática	
DATA PREVISTA		CARGA HORÁRIA
TÓPICO		
TÍTULO DO TÓPICO	A ideia de fração.	

PLANO DE AULA PLATAFORMA GEDUC

MONTAGEM DA AULA			
BIMESTRE	2º		
NOME DA AULA	Termos de uma fração. Leitura de uma fração.		
DATA DA PUBLICAÇÃO	23/08/2021	DATA DA ENTREGA	
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Representação fracionária dos números racionais: reconhecimento, significados, leitura e representação na reta numérica.		
REFERÊNCIAS	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2017. MEU DIÁRIO DE BORDO. Guia da conquista/ Ensino Fundamental 5 ano semana 3- # dia4 . 2020. Disponível em: < https://conquistaguia.com.br/wp-content/uploads/2020/04/CQT_EF1_5A_DB_DIA4_SEM3-1.pdf >. Acesso em: 17 de ago. de 2021.		
UNIDADE TEMÁTICA	Números		
CÓDIGO DE HABILIDADE	EF05MA03 (AF)		
COMPONENTE CURRICULAR:	Matemática		
DATA PREVISTA		CARGA HORÁRIA	
TÓPICO			
TÍTULO DO TÓPICO	Termos de uma fração. Leitura de uma fração.		

SEQUENCIA DIDÁTICA**Três aulas**

TEMA	GÊNERO TEXTUAL- RECEITA
BIMESTRE	1º
DATAS	28/03/2022 – 04/04/2022 – 11/04/2022
COMP. CURRICULAR	LÍNGUA PORTUGUESA
PÚBLICO-ALVO	1º ano do Ensino Fundamental/ Vespertino.
DURAÇÃO DAS ATIVIDADES	2 horas cada.
OBJETOS DE CONHECIMENTO	-Decodificação/Fluência de leitura. -Formação do leitor. -Correspondência fonema-grafema.
UNIDADE TEMÁTICA	
COD. DE HABILIDADE	(EF12LP01) (EF12LP02) (EF01LP02)
OBJETIVOS	-Conhecer o gênero textual receita; -Analisar a estrutura de uma receita; -Identificar letras do alfabeto na receita; -Explorar uma receita; - Identificar os elementos presentes na estrutura do texto; -Escrever letras do alfabeto e listas de palavras dentro do contexto apresentado; -Interagir com a preparação de uma receita na sala; -Colaborar na produção da receita Salada de frutas na sala.
RECURSOS DA AULA	-Exemplos do gênero textual receita; -Quadro e cartazes; -Atividades e textos impressos; - Folhas A4 - Ingredientes para a receita;

ANEXOS

ANEXO 1- CERTIFICADO DO MINICURSO A ESCRITA DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO



**ANEXO 2- CERTIFICADO DO MINICURSO
O LETRAMENTO MATEMÁTICO ESCOLAR E O DOCUMENTO CURRICULAR
DO TERRITÓRIO MARANHENSE: CONHECENDO E QUESTIONANDO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA CCSST

Certificamos que **DIANA DA SILVA SIMAO** participou do evento **MINICURSO - O LETRAMENTO MATEMÁTICO ESCOLAR E O DOCUMENTO CURRICULAR DO TERRITÓRIO MARANHENSE: CONHECENDO E QUESTIONANDO** realizado durante o período de **02/09/2021 a 10/09/2021** como **OUVINTE** com uma frequência de **100%** e uma carga horária de 20 hora(s).

São Luís, 26 de Novembro de 2021

Número do documento: **42621** Código de Verificação: **37b81d9218**

Para verificar a autenticidade deste documento acesse
<https://sigeventos.ufma.br/eventos/documentos>, informando o número do documento, data de emissão do documento e o código de verificação.

**ANEXO 3- CERTIFICADO DO MINICURSO
NARRATIVAS DIGITAIS DE CONSTRUTIVOS DE IDENTIDADE DOCENTE**



**ANEXO 4- CERTIFICADO DO CURSO DE EXTENSÃO
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ALFABETIZAR LETRANDO**



**ANEXO 5- CERTIFICADO DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO
DESAFIOS DO ENSINO DA MATEMÁTICA ESCOLAR EM TEMPOS DE
PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UMA RESIDENTE, no VIII ENALIC**



VIII ENALIC
EDIÇÃO DIGITAL
VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

CONFIRA A AUTENTICIDADE
DESTE CERTIFICADO
WWW.PORTALREALIZE.COM.BR



CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho intitulado: **DESAFIOS DO ENSINO DA MATEMÁTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA RESIDENTE** do(s) autor(es): **DIANA DA SILVA SIMÃO, JONATA DE MOURA** e orientado por **JONATA DE MOURA**, foi apresentado na modalidade Relato de Experiência(RE) no **VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS / VII SEMINÁRIO DO PIBID / II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**, evento realizado Online, no período de 07 a 11 de Dezembro de 2021.

Identificador: 4cb97a51fff91125609d92148027a0f9

Online, 11 de Dezembro de 2021.

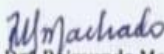


Nilson Cardoso - UECE
COORDENAÇÃO GERAL DO VII ENALIC / VII SEMINÁRIO DO PIBID /
II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA



Sueli G. de Lima Mendonça - UNESP/Marília
COORDENAÇÃO GERAL DO VII ENALIC / VII SEMINÁRIO DO PIBID /
II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

**ANEXO 6- CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA- 2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - RP  CERTIFICADO Certificamos que o/a discente DIANA DA SILVA SIMÃO atuou como residente no Programa Residência Pedagógica, no período de 01 de Novembro de 2020 até 30 de Abril de 2022, concluindo com carga horária total de 414 horas. São Luís, 20 de Junho de 2022  Prof.ª Dr.ª Raimunda Machado Coordenadora Institucional RP UFMA CAPES	 PROEN Pró-Reitoria de Ensino DAESP/DIPES  Residência Pedagógica  CAPES
--	--

**ANEXO 7- CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO
O USO DO WHATSAPP COMO RECURSO NO ENSINO DA MATEMÁTICA
ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA” no XIV ENEM**



**ANEXO 8- CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO NO V SEMID
RELATO DE EXPERIÊNCIA: CAMINHOS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

